MARQUES DE BARROS.
LITTERATURA DOS NEGROS.

M. MARQUES DE BARROS

Litteratura dos Negros

Contos, Cantigas e Parabolas

(SEPARATA DA "Tribuna")

LISBOA
Typographia do Commercio
T. do Sacramento, ao Carmo, 5 a 7
1900

M. MARQUES DE BARROS

Litteratura dos Negros

Contos, Cantigas e Parabolas

(SEPARATA DA "Tribuna,,)

LISBOA
Typographia do Commercio
T. do Sacramento, ao Carmo, 3 a 7
1900

I

A noiva da serpente

(CONTO MANDINGA)

Ao encantador contista
d'*Os meus Amores*.

sira-ná djonó-tá
am-din!

HAVIA nas terras dos Mandingas uma bonita aldeia, a qual com o rumor e bulicio da sua numerosa população animava as clareiras de uma immensa floresta.

Ainda hoje, para as bandas do sul e não muito longe d'esse logar, se encontra uma praia cujas areias reflectem o sol do meio dia como um grande incendio: e uma fila de blocos de basaltho partidos, tombados, ou suspensos no ar, cinge em hemyciclo essa estancia povoada de espiritos encantados, de *medos*, e de phantasmas.

Do outro lado, ao norte, onde os baobás, os cipós, e as pandanas terminam com os seus massiços de verdura, des-

dobram-se, até onde a vista pode alcançar, extensas pradarias mosqueadas de garças brancas, de rebanhos, de mergulhões, de flamingos.

E a uma distancia de cincoenta arremessos de lança, destaca-se no horisonte, como um gigantesco ramalhete, um bosque de tamareiras, de fetos arboreos, e de festões de lianas, a cuja sombra umas nascentes de abundantes aguas se ouvem cantarolar no meio de pedregulhos roliços e esverdeados.

Tudo isto ainda se lá encontra. E esse manancial chamava-se a fonte das Ginas, por ser a fonte onde as raparigas da aldeia, em costume do Paraizo, tomavam o seu banho desde o pôr do sol, até as horas tepidas dos fogos fatuos, das estrellas fugazes, e das revoadas dos pyrilampos.

N'uma das numerosas casas de que era formada essa interessante povoação de bambú, com os seus tectos em forma funil, que ao longe se podia tomar por um agrupamento de colmeias, ou cidade de castores — morava uma pequena familia de fidalga linhagem, que se compunha apenas de mãe—Fátma e de suas filhas Cumba e Sira, pobres creanças, que haviam perdido seu pae na sanguinosa guerra de Firdú.

Fátma, boa mulher, mas muito doidinha pelas suas filhas, trazi-as sempre

muito lavadas, muito lustrosas, e enfeitadinhas de braceletes de oiro nos pulsos, e de argolinhas de prata aos pés; e á cintura um par de cintos de missanga, e preza aos cintos uma campainha de reclamo. (*)

Era de ver com quanta graça essas esveltas negrinhas, fazendo pouco das zumbaias dos rapazes, furavam aquellas ruas tortas e esconças, mais dengosas e flexiveis que duas gatas em noites de luar. — Diabretes catitas e impagaveis eram ellas na verdade!

Havia, contudo entre ambas diferenças notaveis de caracter, de genio e de instinctos. — Cumba, que era das duas irmãs a mais velha, adorava sua mãe: os amores de Sira eram todos sobrenaturaes; e uma liga de cascaveis a distinguia de todas as dançarinas, como a dançarina incomparavel.

Cumba, de seu natural ladina e bisbilhoteira, passava tempos esquecidos sentada aos pés da mãe, a quem contava tudo o que sabia ou lhe vinha á imagi-

---

(*) «**Bissa-Amadi** é uma bonita aldeia que conta mais de dois mil habitantes, quasi todos ricos, o que se conhece pelas manilhas de prata e oiro de que usam as mulheres tanto nas pernas como nos braços.»—(*J. M. de Souza Monteiro.* Costumes da Guiné, no *Panorama*).

nação... as suas corridas pelos campos floridos; os seus sustos, ao ver o combate dos touros, quando rapavam a terra, e jogavam as armas ao ar! — outras vezes sahia-se com historietas, ou então cantava-lhe as proezas guerreiras do pae ou de Alen Cóe, ou as famosas cantigas de Mamadebá ou de Fatandin.

Sira, essa então, quando podia, furtava-se á companhia de uma e outra para amassar «bolos azinos de farinha crua e hydromel»: e punha sempre o maior cuidado em occultar o destino dos taes «bolos sagrados».

Mas a irmã sempre acabou por se resolver a espreita-la. — Até que um dia, como estivesse atraz de uma porta do quintal, notou que Sira, tendo preparado as suas farinhas e seus bolos, acondicionou-os com uns *passes* n'uma condecinha de rota, bordada a cauris e sarapintada de sandaraca: depois, espiou em roda; pegou na condecinha que levou á cabeça, e sahindo do quintal em direcção á praia, esgueirou se na floresta.

Cumba não perdeu de vista sua irmã: e cosida com a sombra, de arvore em arvore, de mouta em mouta, e aos pulos como uma loba, ora agachando se, ora soerguendo se nos bicos dos pés — com a voz estrangulada e ouvido á escuta — seguiu a visionaria, indo-lhe no encalço até á borda do mar, onde, de um salto, se

escondeu no esconço de um penedo mais proximo.

Sira, julgando-se só, continuou no seu caminho até á linha d'agua, onde a mareta lhe vinha beijar as suas braguinhas de prata.

Depois, tendo com a sua vista penetrante explorado o grande mar, curvou-se, e fez sobre a areia novos *passes*, sacudindo os dedos aos quatro ventos. E em seguida com a sua voz de flauta cantou assim:

om djancá sa-ié ó
om djancá na madje
mumen tá
....
....

Sae das aguas
rei de mar!
Sae das ondas
meu amor!
Aqui trago
os teus bolos
de farinha e mel.
Sae das aguas,
sae das ondas
rei de mar!

Fez-se um extranho movimento nas aguas!... E junto á praia exondou uma immensa cobra, cuja cabeça estava coberta de conchas e de sargaços.

Era a serpente do mar.

Cumba—mal viu o grande «feitiço»—fugiu, correndo direito a casa, onde entrou

num arremeço, como uma pomba espavorida.

—Que tens tu filha?!

—*Seitáno! Seitáno!...*

—Mas que é isso? meu amorsinho? Perguntava a mãe sobresaltada.

—*Seitáno! Seitáno!...*

Que tinha visto Satanaz.

Ella coitada, nem podia falar.

A pobre mãe, com o fim de pôr a sua estremecida filha ao abrigo de uma imminente desgraça, mandou chamar o mais afamado «monteador» d'aquellas terras para lhe montear o grande feitiço das aguas.

Veiu o monteador, e antes de partir, carrega a sua espingarda com um par de «planquetas»: cinge a sua espada, e marcha em companhia de Cumba, que o conduziu até as ultimas cortinas do arvoredo, onde se deixou ficar de sentinella.

Cumba, tendo chegado á beira-mar, afinou nesta cantiga que a sua irmã tão amorosamente sabia cantar:

om djancá sa-ló ó
om djancá na mádje
mumen tá!

....

Sae das aguas
rei de mar!
Sae das ondas
meu amor!

Aqui trago
os teus bolos
de farinha e mel.
Sae das aguas,
sae das ondas,
rei de mar!

A serpente suppondo ser aquella voz a voz de Sira, tão linda e aflautada, assomou a sua enorme cabeça á flôr das aguas, varando-a ao mesmo tempo uma balla que partiu da floresta: mortalmente ferida, contorce-se; enrosca-se, e desenrosca-se: e espadanando o mar com as barbatanas, espira, estendida no areal como um enorme tronco, que as tempestades tivessem arrojado á praia.

....

N'essa mesma tarde, Sira, que tinha ido banhar-se á fonte das Ginas, e ao campo fazer um rosario de flores de nenuphár, pareceu-lhe que o sol se punha mais vermelho n'esse dia, e sentiu cahir-lhe no coração uma gota de sangue ou um pingo de lagrima.

De regresso a casa, sentou-se n'uma esteira de rota para comer a sua refeição da tarde, quando uma galinha que perto acompanhava o seu bando de pintainhos, chegou-se para ella com modos mysteriosos, e lhe disse:

— Se deres, Sira, boccado que farte aos meus filhinhos hei-de te contar um segredo, que has-de prometter guardar.

Sira espalhou duas mã-cheias de arroz ao meio da casa, e prometteu guardar esse segredo.

Então a galinha mãe lhe fez saber, que a «vianda» da sua ceia, era de carne da serpente encantada.

Depressa comprehendeu a triste creança que tinha sido trahida por sua irmã. E não querendo mais ouvir, levanta-se; arranca a sua campainha de reclamo; tira, e arremessa para longe as suas argolinhas de oiro e prata: a sua liga de cascaveis, desatou-a; rompeu e quebrou a um e um os seus cintos de missanga; e, pegando em dois paosinhos que batia um no outro, deu voltas á casa — chorando a sua virgindade com a cabeça pulvilhada de cinza.

A mãe, toda afflicta, tentou uma conciliação com a filha, e chamando-a para unto de si, dizia:

sira-ná, djenó-tá,
om-din!
sira-ná, djenó-tá,
om-din
....

Sira minha filha,
anda cá!
Ramos de corál,
contas de azeviche
toma lá.
Lenços de — Hollanda,
guizos de prata
olha lá!

A estes engodos e carinhos da mãe, Sira muito «resentida» respondia «seccamente» sahindo de casa em direcção ao mar:

tá dih cumba barin djan,
sira bitá djombó lá,
sá culandjan ó sin cunum!

. . . .

«A Cumba os teus dons,
«minha mãe:
«á tua favorita,
«e irmã cruel!»
que os brinquedos meus
são agora,
minha mãe,
os coraes e as perolas
do fundo do mar! ..
«ou o abraço
«dos peixes e das serpentes!»

. . . .

Despovoou-se toda a aldeia para acompanhar a infeliz Sira, e levando a cabeça coroada de campainhas, entoaram a toque de palmas e tambores este hymno de consagração

1.º Côro

Sira a bella!
Sira a dançarina!
Tinha o seu amante,
tinha o seu amor,
tinha o seu encanto
nas ondas do mar.

2.º Côro

Vae ter a sua «tumba»
no ventre do mar!

Todos

Vae ter a sua tumba
no ventre do mar !

Por cima d'aquella extraordinaria orchestra de vozes e instrumentos, que repercutiam na floresta á maneira de trovões, ouviam-se, cortantes como espadas, os gritos da mãe.

Não era já voz humana aquella... era o ulular da leôa *a quem roubaram os seus cachorros.*

E aquelle povo immenso, que a um tempo cantava e chorava, ou sacudia a sua corôa de campainhas, cobriu as ribanceiras do mar junto á praia dos encantamentos, para onde Sira avançou com uns passos firmes, entrando n'agua até á cintura... até aos peitos... até que uma onda do alto, tocada por um turbilhão de vento, a veiu cobrir com um largo veu de espuma e prata... e ninguem mais a viu !

....

E a mãe, louca de dor, por muito tempo correu as ruas da aldeia cantando :

sira-ná, djonó-tá
om-din !

....

«Sira, minha filha,
anda cá»...

II

O conto do vaqueiro de Briches

«O povo é o mesmo em toda a parte.» *(Dr. T. C.)*

O conto alemtejano da «infeliz desgraçada», que o sr. Trindade Coelho publicou em o numero 12 de *A Tribuna,* trouxe-nos á memoria tres «historias» (lá chamam *historias* aos contos) que ha cerca de trinta e cinco annos ouvimos contar nas terras d'Africa aos pretos. E como nessas *historias* se encontram tantos e tão surprehendentes pontos de semelhança e de concordancia com varias passagens do conto alemtejano, pareceu-nos, logo á primeira leitura, ser este o resumo das tres *historias* africanas a que nos referimos; ou que estas ultimas são o desdobramento do conto «a infeliz desgraçada».

Uma de duas: ou colonias oriundas

de Portugal levaram aos sertões d'Africa o conto de Briches, ou foram os pretos que o trouxeram a Portugal desdobrado em tres contos distinctos, os quaes mais tarde foram enramalhetados em um conto unico.

Ora tendo o sr. Trindade Coelho attribuido cerca de 400 annos ao conto do vaqueiro de Briches, sobre o qual projectou a clara luz do seu entendimento—cae por inconsistente a hypothese primeira, por coincidir essa data memoravel com a época das longinquas navegações e conquistas, em que os portuguezes não entendiam a lingua dos pretos, e nem os pretos o portuguez:—e nem que entendessem—não é crivel nem de suppôr que entre uns e outros houvesse tão estreitas relações de intimidade que «o branco» — desbaratando o seu tempo, se desse á paciencia de lhe contar historias.

Por outro lado, como a escravatura importasse um incalculavel numero de indigenas d'Africa, não seria temerario pensar que os pretos, excellentes contistas que são,—por habito ou por tendencia natural, espalhassem a plenas mãos o ouro precioso da sua litteratura peregrina, para dulcificar a via dolorosa da sua nova existencia, contando historias da sua terra.

E se ainda não é admissivel esta se-

gunda hypothese, então, será necessario concordar que as Musas, que não padecem de preconceitos de escola, inspiraram com igual carinho e amor o mesmo ou os mesmos themas a dois cerebros de identicas faculdades, posto que differenciados na encadernação. Assim, teriamos de acceitar como impugnaveis aquellas sentenciosas palavras com que encimámos este artigo, o «povo é o mesmo em toda a parte» e perante as quaes devem oscillar nos seus alicerces as theorias *hypotheticas* das differenças chamadas «fundamentaes» nas diversas tribus da mesma familia humana, sustentadas por aquelles que pretendem medir a envergadura das faculdades do espirito com o diametro de um elemento piloso, com a gamma das côres do pygmento, com a posição das orbitas, ou com o angulo basilar.

A benevolencia dos leitores dos «assumptos africanos», leval-os-á porventura a perguntarem, quaes possam ser os pontos de semelhança entre o conto alemtejano de Briches de Serpa... no hemispherio norte, e quaesquer historias africanas no hemispherio sul... *mais abaixo.*

A nossa resposta cifra se em duas palavras.

Como no conto da *infeliz princeza,* temos na «*historia da dona feiticeira*» um

Sida o qual fugindo da avó que apoz d'elle corria, atirava de quando em quando, e nas situações mais criticas, com um carvão que se interpunha e transformava, umas vezes n'uma parede, outras em uma mouta de espinheiros, n'uma columna de fumo, ou n'um lago, e n'uma palmeira.

N'uma outra historia tambem apparece um cavallo, mas com o seu cavalleiro, paladino de lei e estrenuo defensor das damas (!) A convite dos paes de uma encantadora menina que casou — como a *infeliz princeza*—com *um phantasma de homem*, este cavalleiro, depois de ter explorado meio mundo e afrontado todos os ares e ventos, entrou n'uma caverna onde encontrou a dama que procurava, e a unhas de cavallo, fugiu com ella dos ataques de uma hydra em que se tinha transformado *o homem phantasma*, que por fim matou a golpes de *durindana*.

Simplesmente bello, extraordinario, surprehendente !...

Temos mais.

No conto do vaqueiro, vemos uma princeza a «firmar no chão» a lingua do seu cavallo cardano, a conselho do mesmo cavallo que em defesa d'ella se deixa matar. — N'uma historia das «meninas do pote» é uma boa velha mephistophelica, que offerece de uma ve

tres ovos a uma donzella sua protegida, a qual, ia em procura de um pote de agua ás terras de Sanhá, recommendando-lhe que não voltasse o rosto, de cada vez que atirasse um para traz das costas. A donzella assim o fez; e quando arremessou o ultimo ovo viu-se de repente n'uma «grande casa» cercada de todas as commodidades possiveis n'aquellas terras. Tal qual a infeliz princeza que encontrou, por *encantamento*, uma torre de refugio.

Mais tarde contaremos na sua integra, estas «historias», agora apenas esboçadas, pondo o maximo cuidado em conservar-lhe a forma, o tom, o estylo e a côr local, evitando quanto possivel, o rhythmo, quasi biblico, com o seu interminavel *autem genuit* dos factos periodicamente repetidos, que apezar d'isso não cançam e melhor se fixam na memoria.

Cumpre-nos dizer finalmente, que a maneira como os pretos contam as suas historias é verdadeiramente typica e original.

Imaginem os leitores, uma contista (em regra são as mulheres) que fazendo girar entre os dedos o seu fuso, começa em tom compassado uma historia, pelas palavras sacramentaes, *Era, era*... A contista espera então, que os ouvintes lhe concedam licença, e dêem provas de

confiança com est'outras palavras egualmente consagradas: *Era ba certo*, o que traduzido em portuguez quer dizer: *Era uma verdadeira historia.*

Concedida a palavra a contista dá principio, sem *pose*, á sua narração sempre em linha recta, sem divagações, sem ornatos, a secco, até final; e apenas se permitte fazer descripções como parte obrigada, e quando as faz é sempre d'um traço, como uma pincelada de Apelles, ou com dois e tres traços como uma pennada de La Fontaine.—E, como quem tem plena confiança no criterio dos seus ouvintes, não faz commentarios, nem tira antes ou depois a moralidade do caso narrado. — Em compensação, os ouvintes, sem nunca interromperem a contista, tomam a liberdade de fazer, uma vez ou outra, os seus ápartes, por gestos, por exclamações de approvação ou de censura, por interjeições de admiração e de espanto; por palavras ou phrases curtas que muitas vezes valem um discurso.

As *historias* entre os Mandingas e Biafadas são contadas com certo apparato com cantigas, danças e orchestração de palmas, e uma vez ouvidas nunca mais esquecem. Algumas são um verdadeiro primor de forma e de imaginação oriental, e as quaes nós por muito que nos esforçassemos não poderiamos dar d'ellas a mais remota ideia.

III

HISTORIA DE SANHÁ

(Conto Mandinga)

Ao encantador contista
de *Os meus amores*.

Contista: Era, era...

Ouvintes: Era uma verdadeira historia.

Contista: Havia nas terras dos Mandingas um casal que se compunha de homem, mulher e duas filhas chamadas Djádjas (*leia-se*, Iáia, *querendo*): Djádjabá e Djadjandin, (*Djádja grande*, e *pequena Djádja*).

E porque n'essa terra e em todas as outras em roda, a arte de «pangâ pôte» (*olaria*) era desconhecida, o preço de um pote para agua era egual ao preço de um escravo, ou de uma vacca com a sua cria; e para se obter um, era preciso ir muito longe ás terras de Sanhá onde o «sol faz cambança» (*onde o sol se põe*).

Um dia, Djádja levou á fonte um pote da sua mãe—grande pote para ella na verdade—encheu-o d'agua, e quando já o tinha suspenso no ar, o pote escapou-lhe dos braços, cahiu e despedaçou se.

E como tivesse medo que a mãe lhe ralhasse, resolveu fazer uma viagem até a «tabanca grande» ([1]) de Sanhá, a pedir ao rei um pote novo para levar á mãe, e poz-se a caminho.

Depois de ter andado muito tempo perdida pelo matto, encontrou uma onça que recuava com o trazeiro para medir o salto.

Djádja viu que a onça não estava com boas intenções, e cantou:

sanhá, sanhá,
silol be mintó?
sanhá, sanhá,
silol be mintó?
sanhá mansacunda
silol be mintó?
a tetá 'm fé
bala dimbó,
a teta 'm fé
bala dombó.

Camarada!
«Qual é o caminho»
«da tabanca do rei de Sanhá?»

([1]) *Tabanca grande* ou «tabanca de rei»: cidade gentilica cercada de trabancas, antigo systema de fortificações tambem chamadas *tranqueiras*.

«Quebrei o pote»
«da minha mãe»
vou a Sanhá
pedir ao rei
um pote novo.

A onça ficou muito encantada com aquella cantiga, e com a cauda «chicoteou» as moscas, e mostrou-lhe o caminho.

Mais adiante, depois de ter andado muito, viu um camaleão n'um ramo de «alfarroba»: o camaleão com o seu papo cheio de veneno, fazia-se de mil côres.

Djádja desconfiou que aquelle animal não estava com boas intenções, e cantou:

sanhá, sanhá,
silel be mintó?
sanhá, sanhá,
silel be mintó?
....
....

Camarada!
«Qual é o caminho»
«da tabanca do rei de Sanhá?
....
....

O camaleão encantado com uma cantiga tão bonita, enguliu o seu veneno, fez-se de côr de anil, e em tres balanços, mostrou-lhe o caminho com a patinha no ar.

Djádja foi andando, foi andando, e encontrou uma grande cobra atravessada

no caminho: a cobra assobiava e lambia o ar com a lingua.

Djádja viu que aquella serpente não estava ali para coisa boa, e cantou:

sanhá, sanhá.
silol be mintó?
sanhá, sanhá,
silol be mintó?
. . . .
. . . .

Camarada!
«Qual é o caminho»
«da tabanca do rei de Sanhá?
. . . .
. . . .

A cobra encantada com uma «garganta tão bonita» fez-se n'uma rodilha, recolheu a lingua, e deixou-a passar.

Djádja depois de ter caminhado muito, chegou ao «cambar do sol» a uma fonte, onde uma velha estava «a lavarse»; mas a velha era muito velha, e tão velha, que nas costas se lhe tinham creado mil gerações de ostras.

A velha pediu a Djádja que *(segundo o costume da terra)* lhe «esfregasse» as costas.

A moça «não porfiou» *não se fez rogada*, (*A'parte dos ouvintes*: «bom menino!») (¹) Porém, apenas lhe correu as

---

(¹) Os substantivos, em regra, não variam a sua forma para o feminino. — Na

mãos pelas costas, cahiram-lhe os dedos cortados no chão.

A velha apanhou os dedos e «tornou a emendal-os» ([1]) E Djádja ficou com as suas mãos inteiras e tão bonitas «como Deus as fez».

A velha vestiu-se e acompanhou a Djádja a sua casa coberta de macarujá, e cercada de mandiocal e de bananeiras.

Apenas chegaram, a velha entrou no seu «aposento» e trouxe de lá um grão de arroz em casca, que entregou á moça para «pilar» ([2]).

A moça lançou o grão de arroz no «pilão», e apenas «bateu com o pau de pilar», o pilão encheu-se de arroz ([3]).

---

aurora das nossas letras patrias tambem o termo *pastor* applicava-se indistinctamente aos dois sexos. N'um «cancioneirinho» d'El-Rei D. Diniz lemos: *Hua fremosa pastor.*

([1]) Esta velha dos prodigios não desconhecia os milagres da «enxertia animal»!...

([2]) Parece que a velha, por passatempo, submettia ás mais mephistophelicas provas os seus hospedes, afim de lhes sondar os instinctos, as tendencias do seu caracter, e os principios de sua educação.

([3]) Como Christo, com os pães, a velha fazia a multiplicação dos grãos de arroz, quando os seus hospedes lhe davam provas de confiança, de humildade e de resignação (!...)

Djádja, tendo o arroz todo descascado e limpo, cosinhou e foi ter com a velha para que lhe désse «manteiga» para botar na panella.

A velha cuspiu para o chão: e a moça quando se abaixou... viu uma «cabacinha» de manteiga fresca que foi botar na panella de arroz (1).

Cearam: cardaram muito algodão; a velha contou historias de principes e princezas encantadas, e foram aos seus «aposentos» dormir.

....

Apenas cantou o primeiro gallo, a velha levantou-se, e foi á capoeira buscar tres ovos; e que lindos! pareciam ovos de prata, que deu a Djádja e recommendou-lhe que todas as vezes que no caminho se sentisse cançada, atirasse com um para traz das costas, e não voltasse o rosto.

E accrescentou, que a tabanca do rei de Sanhá ficava ainda muito longe, e, *estendendo o braço*, disse: lá n'essas terras onde Deus, quando se cança de pelejar todo o dia, arremessa o seu gran-

---

(1) A boa velha convertia a sua saliva em nata! As provas eram um tanto duras, porém necessarias por serem decisivas. — Lembremo-nos que um santo da Companhia, por obediencia, plantou uma arvore com as raizes ao sol!

de escudo de fogo — «*e'* **ta** *ramangá se djarga garande de fugo*».

A moça prometteu fazer tudo como a velha lhe ensinou, e despediu-se.

A velha abraçou Djádja e «cheirou-a no rosto» (1). A moça pediu a benção, e seguiu o seu caminho.

Depois de ter andado muito, Djádja sentiu-se cançada, e atirou com um ovo para traz das costas, e atraz d'ella ouviu uma «grande tormenta de alimarias» que corriam para um lado e para outro, como se tivessem perdido o juizo—«*sima dôdo*» (2).

Mas ella não fez caso, e seguiu o seu caminho.

---

(1) *Cheirou-a no rosto.* Assim *beijam* as pessoas que lhes são caras, as creanças quasi exclusivamente.—Foi a aspiração do halito das matronas pelos maridos, entre os romanos, que, como consta, deu origem ao costume de se beijarem as pessoas que se estimam, se amam ou se veneram.

(2) Deucalião e Pyrra, repovoam a terra assolada pelo diluvio fazendo sahir homens e mulheres de uma sementeira de pedras (!) No conto do vaqueiro de Briches de Serpa, publicado na *Tribuna*, uma princeza arranca a lingua a um cavallo *morto* que espeta no chão... e do chão ergue-se uma torre (!) A nossa contista africana faz nascer de um ovo, — homens, animaes, palacios e fructos da ter-

Mais adiante e já muito longe, atirou com um outro ovo... pragas, áis e gargalhadas de gente que «pelejava», foi o que ella ouviu; não fez caso e foi andando.

Foi andando, foi andando, e quando já não podia andar mais, atirou com o ovo que lhe restava, e achou-se de repente n'uma grande casa, com «mánga de escravos» manga de curraes de vacca, e toda a sorte de «mantimentos», e ficou sendo a maior fidalga d'aquella terra.

(*Ouvintes*: Ah!...)

*

Um dia Djádjandin, irmã mais nova de Djádjabá, levou tambem á fonte um pote da mãe, «e lá o deixou ficar».

Com medo que a mãe a castigasse lançou-se n'uma viagem muito perigosa «em busca» das terras de Sanhá.

Depois de ter errado muito pelos mattos, encontrou um leão que lambia as unhas e rangia os dentes.

---

ra!—Parece-nos, salva opinião em contrario, que a sua invenção tem alguma coisa de mais verosimilhança, por ser mais natural, e mais conforme com o velho aphorismo: *omnis ovo, ab ovo, et in ovo.*

A rapariga muito espantada, e a tremer cantou assim:

sanhá, sanhá,
silol be mintó?
sanhá, sanhá,
silol be mintó?
sanhá mansacunda
silol be mintó?
a teta 'm fé
bala dimbó,
a teta 'm fé
bala dombó.

Camarada!
«Qual é o caminho»
«da tabanca do rei de Sanhá?»
«Quebrei o pote»
«da minha mãe»
vou a Sanhá
pedir ao rei
um pote novo.

O leão teve dó d'ella; metten na bainha as suas unhas e mostrou lhe o caminho.

Foi andando, foi andando, e encontrou um porco espinho que «batia o pé» muito encrespado — Djádjandin teve medo e cantou:

sanhá, sanhá,
silol be mintó?
sanhá, sanhá,
silol be mintó?
....
....

Camarada!
«Qual é o caminho»
«da tabanca do rei de Sanhá?
....
....

O porco-espinho teve pena d'ella; desarmou as suas frechas, e ensinou-lhe o caminho.

Ella continuou a andar, a andar... até quando, passando perto de um rio, viu estendido na lama e á sombra dos mangles um «lagarto» *(crocodillo)* que matraqueava os dentes. (*Os ouvintes:* má viagem) (1) Djádja, muito assustada, cantou toda a tremer:

sanhá, sanhá,
silol be minto?
sanhá, sanhá,
silol be mintó?
....
....

Camarada!
«Qual é o caminho»
«da tabanca do rei de Sanhá?»
....
....

O lagarto «fechou o seu caixão» (*as suas fauces*), e deixou-a passar.

Depois de ter andado muito, chegou

---

(1) *Má viagem!* Agouram mal uma viagem ou jornada em que topam com um crocodillo.

a uma fonte onde uma velha, (*a nossa conhecida velha de mil annos*) que estava a lavar-se, apenas a viu chamou-a pelo seu nome:

—Djádjandin! Djádjandin!

A pequena, muito admirada, disse de si comsigo: esta velha é por força uma feiticeira. Quem foi que lhe «ensinou» o meu nome?

E foi muito desconfiada ter com ella.

A velha rogou-lhe que lhe «esfregasse» as costas.

Djádja «espiou» as suas mãos, espiou a velha, levantou o nariz ao vento e «chiou» (*signal de mais aviltante desprezo*) e disse:

—Bem dizia eu que eras uma bruxa. Acaso Deus me deu estas mãos tão bonitas, para as estragar nas ostras do teu costado? (1)

---

(1) Nos *Contos das Fadas* de Charles Perrault encontramos mais de um ponto de concordancia com esta nossa «historia», sendo mais notavel o seguinte:

Quando «a menina má» foi, por ordem da mãe, dar de beber á Fada numa fonte,— diz-lhe toda empertigada.

—«Naturalmente vim aqui,—disse a orgulhosa menina,—de proposito para lhe dar de beber! Trouxe mesmo um jarro de prata com a ideia expressa de dar de beber á senhora. Beba da bica, que não foi feita para os cães!»

(*Os ouvintes olham a furto uns para os outros*).

A velha não fez caso: vestiu-se, e acompanhou a rapariga á sua «morança» no meio das bananeiras e á sombra de maracujá.

Djádja pediu lhe uma medida de arroz «para pilar» (*para descascar*).

A velha entrou no seu aposento, e trouxe de lá um grão de arroz. A rapariga «fincou as mãos na pontada» (*nas ilhargas*) e exclamou :

«Djusto de um garã? !» *Um grão sómente?!* — Sabes que mais, sua velha tonta? quem é pobre vae por portas pedir esmola, «*é* **ta** *bá co porta pidi sumóla*».

(*Faz se um movimento no grupo dos ouvintes*: *uns baixam a cabeça*, *outros riscam na areia*).

A velha calou-se: entrou em casa e trouxe de lá uma medida de «arroz alvo» que a pequena cosinhou, e foi-lhe pedir uma colher de nata.

A velha cuspiu: a rapariga deu um salto para traz, e batendo as mãos no peito (*signal de quem está muito afflicto ou altamente indignado*) disse: «iáe !... es porcadia ê par quessâ? *Para que serve essa porcaria?*

(*Os ouvintes rosnam. Alguns exclamam sentenciosamente*: «es criatuda **ca** *ten* «djis» *esta creatura não tem juizo*).

A velha «fez que não entendeu»; e foi

trazer uma colher de nata fresca, com que a rapariga temperou a «bianda» de arroz.

Cearam. A velha cardou o seu algodão, e contou historias de principes e princezas encantadas, até que lhes deu o somno e se foram deitar.

Pela manhã, ao cantar do gallo, a velha levantou-se, e foi ao gallinheiro dos *ovos de prata*, e trouxe de lá tres, os mais lindos, que entregou a Djádja, e recommendou-lhe que os fosse arremessando a um e um para traz das costas, sem «nunca» voltar o rosto.

A pequena observou que, embora isso lhe parecesse uma tolice, comtudo teria o cuidado de «amarrar» (*apertar*) bem a barriga para não comer os ovos quando se sentisse com fome.

(*No semblante dos ouvintes nota-se um frouxo de riso amarello e mal disfarçado.*)

Fizeram as suas despedidas.

A velha abraçou e cheirou Djádjandin no rosto. Djádjandin esqueceu-se de lhe pedir a benção; voltou costas, e partiu. (1)

(*Grande movimento de espanto dos ou-*

---

(1) *Djádjandin esqueceu-se.* Bello euphemismo! que a contista empregou em vez de... «Djádjandin por ser uma malcreada muito atrevida, não pediu a benção á velha que lhe soffreu os seus insultos».

vintes: alguns abanam as cabeças; muitos batem castanholas com os dedos).

Depois de ter caminhado bastante tempo arremessou um ovo para traz das costas, e pareceu-lhe que corria atraz d'ella um bando de leões, de porco-espinhos e de «lagartos»; e não se pôde conter que não olhasse: e apenas «virou o rosto», aquellas alimarias atiraram-se a ella e despedaçaram-n'a.

. . . .

Culándjan. (1) uma aguia bradadora, que n'esse dia atravessava aquellas terras, indo muito pelo alto, «arreba-

---

(1) **Culándjan.** «Uma aguia bradadora», assim traduzimos *Aquila vocifer.* Alguns exemplares d'esta especie encontram-se no Jardim Zoologico de Lisboa.

O seu canto, segundo os Mandingas parece dizer:

quéò! quéò! quéò manquilin!... E os creoulos traduzem assim e perfeitamente:

«Óme ó óme! óme **ca** djunto!...» que em portuguez vem a ser quasi á letra:

Um homem e mais um homem, esses homens não são eguaes!

Como se vê, esta ave *sentenciadora* não foi mal introduzida n'esta scena tragica, tão maravilhosamente imaginada e tão repassada de commoções e de contrastes!

E como os negros são fatalistas, salta aos olhos a profunda moralidade do conto se-

tou» um dedo da pobre Djádja, voou e foi abandonal-o no quintal de seus paes.

Estes «choraram muito e muito sua filha», e «se consolaram».

(*Os ouvintes commovidos*: «Coitada!»

---

gundo a sua philosophia natural: Cada qual, n'este mundo, segue irrevogavelmente o seu destino. Por outra: o nascimento e a educação não podem reagir contra a ordem preestabelecida de todas as coisas.

A velha representa a incarnação da Providencia sobre a terra, perante a qual todos os homens são eguaes, por isso que vemos os bons e os maus—egualmente hospedados á chegada, e abraçados e beijados á despedida por essa mesma Providencia personificada... e quasi tão velha como a eternidade!

Haverá porventura n'este genero de contos, nada mais sublime e transcendental?

—Que ensejo para as mais profundas cogitações não offerece essa concepção, que tem o singelissimo titulo, *A historia de Sanhá*, ou *As meninas do pote!* — O que não dirão os litteratos e os philosophos perante a intellectualidade, e singular poder imaginativo dos negros!

IV

CANTIGAS

Ao Dr. *Antonio Roque Ferreira*

Sumá

(Canto maritimo)

«aieh! eh! **sumâ** ieh! **chalibaliô!**
«a min **ca** (¹) tene mamáe oh!
«a min **ca** tene papáe,
«aieh! eh! **sumá** ieh! **chalibaliô**!
«padida que padi se fidjo macho oh!
«e tóma e bota na mè de mar
«aieh! eh! **sumâ** ieh! **chalibaliô**!

(¹) **ca**, particula negativa d'origem «Bantu». A opinião do dr. H. Chuchardt, professor de uma universidade de Austria resume-se n'estas palavras: *I believe that it is of the African language.* O Mande tem a negativa **cana**, tambem achada pelo mesmo notabilissimo professor.

Ai! a barbara Sumá
que pariste um filho
e botaste no mar:
oh! barbará Sumá!
.... **chalibaliê!**
Não tenho pae nem mãe
Que me bote no mar,
ó barbara Sumá,
.... **chalibaliê!**

Certa mulher chamada Sumá n'um momento de allucinação atirou com o filho ao mar. Os marinheiros cantando ao som compassado dos remos, e cobrindo-a de vaias, dizem: Eu felizmente não tenho pae nem mãe que me condemne a morrer no fundo do mar.

Conceito: Sou marinheiro por minha deliberação e de modo algum condemnado ás galés como um forçado.

*

* *

malan

(Canto de uma escrava)

a mi ê **malan** *oh, oh!...*
a mi ê **malan** *oh!*
que ben-ba par bàe.
om nhabido *co licor*
om *limpado co lenç de cambraia*
a mi ê **malan** *oh, oh!...*
que ben-ba par bàe.

Eu era triste escrava, ([1])
ai! e que bem triste escrava,
que vinha para embarcar.
O meu senhor vestiu-me ([2])
e zangado batia-me
com ramo de coral;
e pensava-me as chagas
co'o mais doce licor;
e limpava-me as f'ridas
com lenço de cambraia.

([1]) *Escrava*. Por um natural sentimento de dignidade a cantadeira não dá a si mesma o tratamento aviltante de escrava, mas de **malan**, que na lingua Mandinga significa estrangeiro.

E' para notar que não são raras as vozes africanas que enriquecem o creoulo da Guiné—legitimo dialecto romanico portuguez, ainda hoje muito mais conhecido no estrangeiro que em Portugal.

Entre nós além dos philologos e folkcloristas emeritos Adolpho Coelho e Leite de Vasconcellos não temos noticia de outros que com tão superior competencia se dediquem ao estudo d'este interessante ramo da nossa lingua a primeira das indo-europeias, que levou a aurora da civilisação a tantissimos povos desconhecidos.

([2]) *Vestiu-me*. Lá dizem *amarrar panno*, esposar uma donzella, a qual, tendo andado sempre—quasi em costume do Paraizo até aos 12 e aos 18 annos, veste-se pela primeira vez com os pannos que lhe dá o seu noivo ou os seus paes.

E eu era triste escrava
que vinha para embarcar
— *que ben ba par bàe.*

Onde estava a sorte d'esta feliz escrava condemnada aos canaviaes de Cuba ou de Jamaica, que passou a ser castigada, não a chicote ou a bastonadas... mas com ramos de coral! — Que formosa não seria aos olhos do seu talvez crudelissimo senhor!

Seja como fôr: O que nos parece evidente é que a divina e castissima Sulamite não teria dito coisas mais encantadoramente figuradas.

N'este genero e n'outros as nossas cantadeiras africanas expõem á nossa admiração surprehendida algumas perolas de um inestimavel valor.

Daremos aos folkcloristas e aos amaveis e esclarecidos leitores dos nossos modestos artigos ácerca das litteraturas exoticas além das que seguem, mais algumas amostras d'essas originaes e bellas creações a que é vulgar chamar-se desdenhosamente — «cantigas de pretos.»

*
* *

«querè. querê, **condon**»

Amores, Amores

se e'chigâ na sabe
tudo mundo ta matê.

se e'chigâ na fede
abós dôç **condon**.
querê saê demanda,
querê saê matança
querê, querê, **condon**'

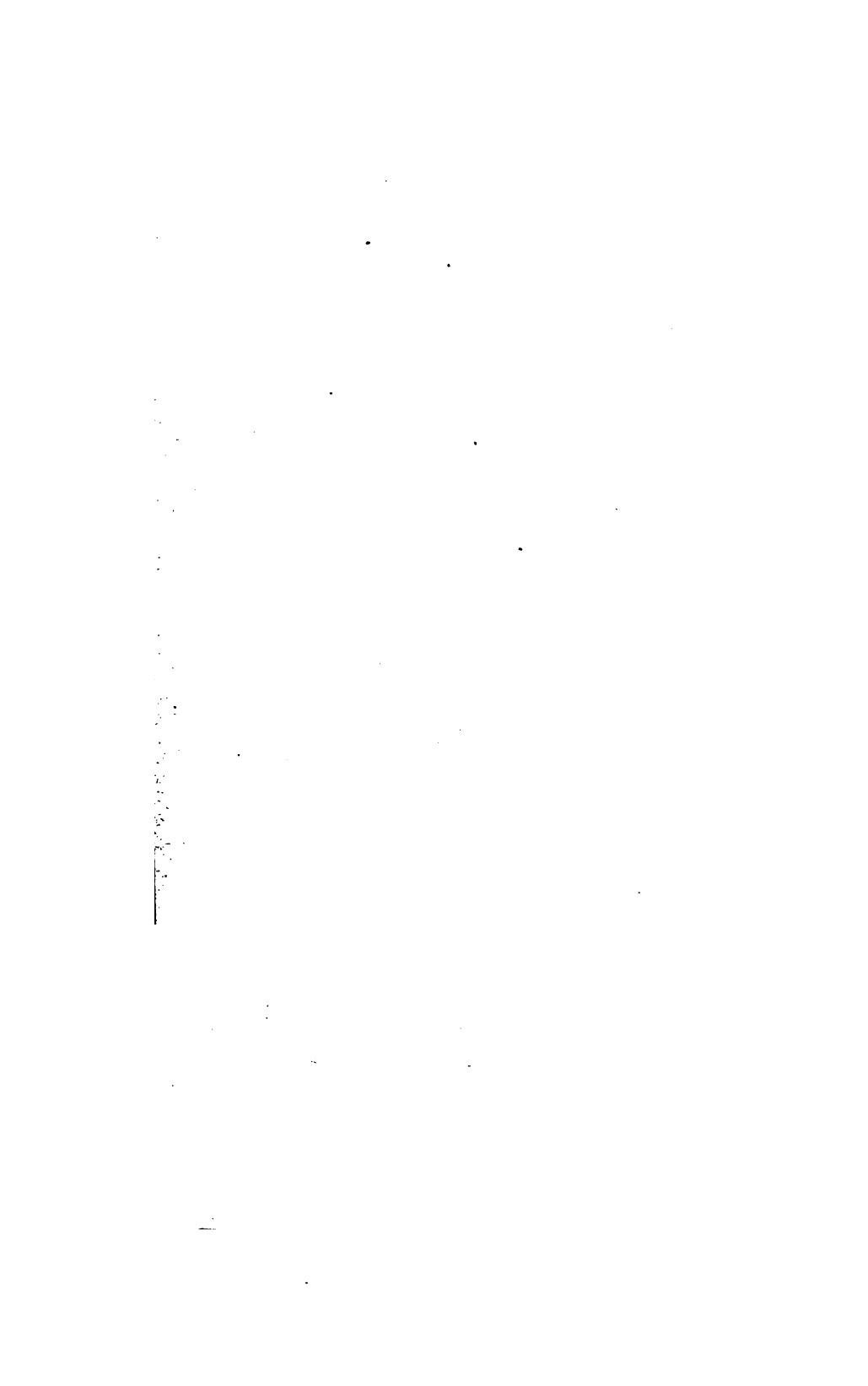
Se vos ri la boa sorte,
tendes o mundo em casa.
Se vos entra a miseria
lá se vae todo o mundo
—«*abós dôç* **condon**.
Amor gerou demanda
Amor gerou matança.
Só n'aquelles quem se amam
reina perfeito amor
—«*abós dôç*, **condon**.

Muito conhecida é aquella espirituosa picaresca lyra de João de Deus que começa assim:

Não sou tão tola
Que caia em casar;
Mulher não é rola
Que tenha um só par

A nossa cantadeira encara o assumpto sob um ponto de vista menos jocoso no campo da sã philosophia e da mais profunda observação.

Quem tal diria?...

(Extractos do *Guinéense*).

V

mondé

VOZ

ó! ó! ó! ó!

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

ó **mondé** ó! **mondé** ó!
ó **mondé**! a mi q' ê **có!**
djurumnó andjurun cá,
neto de réno, fidjo de reno.
nin que canûas tudo **tá** fogâ,
nin que botes tudo **ta** fogâ,
djurumnó andjurun cá!

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

dapê bsáu lumunu-m' tée...
om ca dangû:
q' antas más ó **blamâ**
q' ê djeu na-má.

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

menhemenhê co-bós,
blamâ ó
blamâ menhemenhê co-bos,
mancara de **bdjogô!**

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

blamâ ta obi do **sussâ,**
ta fossê bandèra ;
ta tenê do seu,
ta cubri co-balê.

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

sussâ mal-empregado
pa cambâ balcon :
ê mal-'empregado
pa 'nganhâ emgalande.

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

catépe catépe...
canûa de cambança:
comá boba come-l tée...
e' dessa-l pel e ós.

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

nassin djáe catalacó!...
ninq' e'....... mil e cicoenta,
e' **ca ta**......... iàgo,-
e' **ca ta**......... bás!

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

blamâ fica m' cabeça
pa leba-m' coba!
fica-m' cabeça,
pa leba-m' mina!

CORO

ó! ó! ó! o!

VOZ

bó salga-m' nha carna,
bó leba-l **djiné** :
s' e' 'mbichâ co bós oh!
e' **ca ta** ten comedor!

CORO

ó! ó! ó! ó

VOZ

odja na — má
codjête oh!...
codjête odja na má!...
printín (?) **nan có.**

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

ronca-m' condidjo,
e' passâ e' bá cassa-noba;
se '**m ca djenguê** rosto,
o' **tá** fura-m'-ba odjo!

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

bós cende-l candia,
palabote ó!
palabote ó!
bós cende-l candía!

CORO

ó! ó! ó! ó!

se '**m** ten-ba pôs,
om ta bidâ tènha do mar;
om ta bidâ tènha de mar,
pa '**m** djobê **langá**

CORO

ó! ó! ó! ó!

VOZ

se '**m** ten-ba pôs,
om ta djogâ pêto co mar;
om ta djogâ pêto co mar
pa '**m** djobê **langá**

MONDEANAS

(Cantigas)

Ao dr. Silva Cordeiro

Morte negra foge do telhado ó, ó,...
(os simples)

Mondé — Nharambá — e a desconhecida cantadeira de **nha-menino** [1] *formam a singular trilogia dos bardos africanos mais inspirados pelas Graças. E se nascessem n'outro meio—quem pretenderá nega-lo? — talvez os seus nomes não fossem inferiores aos de Erinne, de Sapho, ou Corina.*

Se Nharambá — pulsa com levantado estro a sua lyra movimentada—como veremos; e a cantadeira de **nha menino,** *palpitando as suas azas candidas nas on-*

---

(1) Dissemos n'uma «Memoria» publicada no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, em 1883, que as cantadeiras da Guiné eram de entre os bardos d'aquella nossa provincia «as unicas dotadas de certa chamma de genio». E ainda hoje não temos motivo para nos retratar.

das da luz do luar, repete como um echo na floresta as eternas harmonias do Cantico dos canticos! — Mondé, a quem profundos desgostos velaram a sua lyra vigorosamente afinada para a poesia epica, solta o seu cantar triste que nos faz recordar os tristes threnos de Job e de Jeremias.

Vamos ver como esta ultima, a pobre Mondé, nascida sob a influencia de uma estrella funesta, e mais tarde coroada por Melpomene e Polymnia, — canta as suas magoas e o seu amante. O seu registo é em Do maior plangente, como o Dies irae e o Stabat Mater. E sem variaçõès, mantem sempre o mesmo andamento, simulando um temporal e gritos subversivos de facinoras que investem contra ella sem a conhecer:

«Ah! vindes açuladas contra mim, e não me conheceis?

«Pois Mondé é o meu nome, pertenço á tribu dos fortes e o meu appellido é Cá:

«e tambem sou descendente dos reis e cidadã de Inté.

«Ainda mesmo no meio das tempestades,

«Sou e serei sempre
Mondé de Andjurun;
sou-o e serei sempre
sob o temporal
com mortes e naufragios!...»

«De um extremo ao outro das terras de Bissau, que é um continente, levantaram em volta de mim uma grande celeuma; porém, não me abalaram na minha indifferença:

«o que poderá Bolama contra mim se é apenas uma ilhota do mar? (1)

«A chocalhada da vossa lingua, ó gentes! — é para mim o ruido chocalheiro da mancarra de Bijagó (2).

«Tudo o que se conta de Sussá, vós de Bolama, tomais e fazeis estandarte, e escondeis as vossas miserias debaixo do balaio».

---

(1) A ilha de Bissau é uma das mais consideraveis d'aquella costa; por isso a nossa cantadeira pensa que é «terra firme».

José Maria de Souza Monteiro descreveu num bonito romance publicado no *Panorama* os usos e costumes dos negros d'aquella grande ilha, e que a *Tribuna* começou a transcrever, sob a acertadissima indicação de um dos seus mais estimaveis redactores, o sr. Marques Pereira (*Fernão Lopes*). — Como se vê, ha uma funda rivalidade entre os indigenas de Bissau e de Bolama, pequena ilha povoada de Manjacos, Burames e Jalofos, gentes para elles despresiveis por abandonarem as suas terras em busca de toda a qualidade de serviços sem escolha e *sem preferencias*.

(2) Mancarra de Bijagó, é a Voandzea subterranea, especie de feijão que se cria

Mondé peleja a favor de Sussá, sua amiga ou parenta, suppondo a incapaz de praticar actos menos dignos que lhe attribuem, como saltar a horas mortas para dentro dos balcões com o fim de mercadejar — a troco de pannos finos — o seu pudor. Em revindicta expõe, n'um terrivel realismo habilmente figurado, o desvergonhamento de suas rivaes, citando uma Catepe, uma Nassim Djáe, refinadissimas... Galateas.

No emtanto ella reflecte um pouco, e comprehende que das mãos de gente iniqua e má, não ha fugir, e então, apenas nos deixa ouvir a sua voz repassada de lagrimas:

«Alvejaram a minha alma
e sobre ella juraram,
que me conduziriam,
que me conduziriam,
á fria sepultura!.. »

. . . .

«Contra mim juraram
que me levariam,
que me levariam
ás minas da morte!...»

A taça da irrevogavel e mortal amargura é na verdade difficil de provar (1).

---

debaixo da terra. A *Revista Colonial e Maritima* dá noticia d'esta leguminosa.

(1) Esta passagem, como aquella em que

E comtudo, na sua qualidade de descendente de Andjurun e de homens valorosos, encara a sua sorte com uma coragem heroica, arremessa o mais aviltante sarcasmo ás faces das suas inimigas que juraram a sua perdição, pondo a sua cabeça a preço para a arrastarem aos seus covis de infamia (1) *e diz:*

«Um conselho vos quero eu dar, boa gente, é que se não tiverdes cuidado com a minha carne não tereis com que vos banquetear (2)

«Olhae! se são bixos que vos appetece manducar ou se é carne humana?... Escolhei!

«Salgae a minha carne
e levae-a á Guiné (3)

Mondé defronta intrepidamente com as suas perseguidoras, faz lembrar um dos passos mais dolorosos que ficaram escriptos com o suor e sangue de um Martyr sublime.

(1) Claro está que só se trata de bruxas e de feiticeiros, isto é, segundo a nossa comprehensão, de gente maldosa, de más obras e peiores instinctos.

(2) Cf. Et... a rugientibus *praeparatis ad escam,* de manibus quaerentium *animam meam* et de *portis tribulationum,* quae *circundederunt me.*

(Lição do livro da Sabedoria).

(3) Para elles a Guiné propriamente dita é a ilha de Bissau, grande centro de

que se vos apodrecer
não terá comedor
«e' **ca ta** *ten comedor.*»

Se tudo isto não é verdadeiramente sublime, então declaro que não comprehendo Longino.

Porém, como nem tudo são luto e lagrimas n'este mundo sublunar, visão fagueira se antolha á sua alma amargurada: — é o seu Coête-Iangá, o seu amante, que ao passar por ella agitando os cadilhos da sua tanga azul — «que impostor!...» fugiu tão rapido para a Casa-nova (1) *que lhe ia «arrancando os olhos!»*

«Attentae amigas
para aquella miragem!
Lá vae o meu Coête
agitando as fimbrias
da sua tanga azul, (2)

«e foi-se fugindo-me
para a Casa-nova.

---

maleficios onde as feiticeiras retouçam á solta.

(1) *Casa-nova* — antiga feitoria de João Marques de Barros, na ilha de Bolama, hoje pertencente á importante casa Coelho Serra & C.ª, de Lisboa.

(2) Sousa Monteiro diz que «esse vestido que se parece com uma tanga (e que ainda não vimos nos costumes d'outros indigenas

Se não tomo tento,
se não affasto o rosto
levava-me os olhos!» (1)

E quando o seu amante embarca, pede, chamando para bordo de um navio de guerra, que lhe ponham luminarias; e ella mesma se lançaria na sua esteira a nado se possuisse o condão das transformações, e podesse, como Leandro, ou como um semideus, atravessar o mar «jogando o peito com as ondas.»

Repare o leitor, para a belleza d'esta poesia em que se figura imitando uma correspondencia de vozes entre terra e mar.

---

d'Africa) é uma especie de calção curto.» Pouco se parece; mas em summa, na falta de outra coisa com que se compare, — póde passar.

Usam os mancebos ordinariamente de uma tanga de banda branca a que chamam **lopé**, e nos dias de festa, de **acatá**, que é feita de banda anilada com cadilhos muito longos, bastos e fluctuantes; e tudo muito ornamentado de cascaveis, campainhas e missangas. Um mancebo de *acatá* não deixa de ter a sua graça, porque lhe fica bem.

(1) E' para notar que n'aquellas terras ainda os papeis se acham invertidos num certo numero de coisas; por exemplo: os machos enfeitam-se, e arrastam azas; e as femeas cantam como umas toutinegras ao

«O' de p'labote, ó ?...
Olóo!
O' de p'labote, ó ?...
Olóo!
Accendam as candeas!
O' de *guerra*, ó ?...
Olóo!
Accendam os pharoes!»

«Se eu fôsse um semi-deus
punha o peito no mar,
affrontava o mar,
e luctava com as ondas
para ver Iangá!»

E' preciso confessar que o coração, o cerebro, a alma humana, como queiram, é a mesma em toda a parte onde quer que se encontre um homem, com a unica differença de cultura e de encadernação.

Encontra-se porventura nos cantos genuinamente populares de outras raças humanas, mais ou menos rudes, mais ou menos cultas, alguma coisa que seja absolutamente superior?

Por Deus! que desejavamos ver isso.

Mas ha melhor.

---

alvorecer do dia dos seus amores. As razões moraes d'esta inversão havemos de as dar, numa outra circumstancia mais opportuna.

A accrescentar: Mondé e Nharambá são Pepeis de Bissau, e a mimosa cantadeira de **nha-menino** não deixará de pertencer á mesma tribu.

VI

NHA MENINO

---

nha menino oh! **ian**... **ian**...
dente de djára de prata!
ian... nha menino oh! oh!
garganta de **léba** na **blanha!**
ian... nha menino oh! oh!
odjo de mêç na djanela!
ian... nha menino oh! oh!
odjo de lua na djanero!
ian... nha menino oh! oh!
odjo de **cacho** na **polon**!
ian... nha menino oh! oh!
pistana de renda de camissa!
ian... nha menino oh! oh!
cabelo de ôro torcido!
ian... nha menino oh! oh!
bunda de **futo** iarmado!
ian... nha menino oh! oh!
bucho de bela formado!
ian... nha menino oh! oh!
ta iandâ chon **ta** requedel,
lá na crua de mantambor!

O Meu Menino

Esta nossa cantadeira africana, uma das tres de maior envergadura a que anteriormente nos referimos, abre com chave de prata o seu escrineo de perolas, o seu sacrario em que não desejariamos pôr os nossos dedos profanos.

E se acaso ousassemos tocar noutros sacrarios ainda mais sagrados para uma tentativa de confronto ao menos, não nos faltariam themas e motivos para approximações entre varias passagens de **nha-menino,** *e algumas das melhores da litteratura popular de um povo culto tirado á sorte... Portugal, por exemplo.*

E a primeira coisa que nos accudiria á reflexão é que se nessa estreitissima zona d'«Africa portentosa» houvesse torres defendidas por uma linha de escudos,

como a torre de David; principes sobraçando mantos côr de purpura; cabras arrastando o seu vello côr de espuma; lagos de Esabão, columnas elegantissimas: ou se lá houvesse romãs, que partidas ao meio fazem lembrar uma bocca a sorrir e as tintas do rosto, — a nossa cantadeira não deixaria de se inspirar n'estas lindas coisas, e os seus fios de perolas, as suas joias, as suas tintas com que adornou o seu idolosinho, o seu menino encantador, talvez parecessem roubadas ao thesouro onde algum poeta de raça guardou a sua lyra coroada de capellas e nimbada do sol ao meio dia...

Ella então nos viria cantar pouco mais ou menos assim o seu **menino:**

O pescoço, pensa a gente
. . . .
Que é a torre exactamente
De David nesses ares!

O cabello é tal e qual
Um grande manto real!

Os olhos esses então
Os dois lagos de Esabão.

Os dentes em abrindo
A tua bocca, que lindo!
Nem rebanho de ovelhas
Todas brancas e parelhas

. . . .

As faces não ha de certo
Assim casca de romã
De côr tão linda e tão sã,

. . . .

As pernas, de musculosas
São columnas magestosas

. . . .

E de marmore inteiriço.

O cabello em quantidade
E' tamanho é singular.
E não me lembra senão
Das cabras de Galaad
Que lhes rola pelo chão
Em ellas indo a andar.

(Campo das Flores.)

A cantadeira de **nha-menino** *nunca viu uma torre sequer, mantos reaes, e tão formosas cabras? nem lagos de uma limpidez de espelho: nem romãs, ou columnas de marmore?—Não importa! Ella encontrará nos campos, nas florestas, nos guarda-joias dos nababos, nos astros nos phenomenos do mar, nas lendas, os mais peregrinos motivos, imagens, tintas, esmaltes e comparações com que saberá enfeitar de boas noites* mirabilis *a sua lyra docemente alumiada com a luz do luar e da madrugada.*

E ella mesma, lá dessa costa d'Africa virá confirmar mais uma vez esta incontestavel verdade.

«A intima ligação do verdadeiro poeta com o seu meio intellectual, moral e social, é um facto que se constata ao estudarem-se as obras primas de cada epoca ou de cada nacionalidade». (*)

E assim é.

E que genial artista que se offerece á nossa contemplação na singular cantadeira da côr das barracas dos mouros e das tendas de Salomão! — *Quanta propriedade e parcimonia nas adjectivações!—Quão pouco vulgar imaginação!— Que notavel sentimento de esthetica e de plastica! — E que singular instincto de bom gosto e bom senso em tudo quanto diz do seu* **menino**!

Repare o leitor, para esta inexgotavel fonte de bellas imagens e comparações:

«Os seus dentes são como duas prateleiras de jarras de prata.»

Jarras cinzeladas com amores em relevo brincando n'um carnaval de flores... aljava ás costas e arco em descanso! — Um primor d'arte que por acaso viu em casa dos argentarios Benicios, Barretos ou Alvarengas.

«A sua garganta é só comparavel com

(*) Teixeira Bastos nos *Poetas Brazileiros.*

a do flamingo posto de sentinella no meio do arrozal!»

«O cabello da côr d'amarantho feito de oiro «torcido»— cahe-lhe sobre os hombros numa catadupa de chorões»

«As pestanas ensombram seus olhos com um suavissimo docel de rendas as mais finas, as mais pudibundas e castas!»

«Seus olhos são como dois carbunculos numa taça de esmeralda *ou*, são «como duas papoulas rubras ardendo num estendal de verdura».

«E são como as ondas da luz do luar que irrompem por uma janella a dentro».

«Tem as «coxas» redondas como dois hemispherios perfeitos».

«As suas «pernas»... o seu andar é como uma galera que com todo o velame em concha e varredoras—navega no alto mar com ventos de feição»

E a graça, o ar
D'aquelle andar!
Que vela passa
Com tanta graça
A' flor do mar?

Finalmente a nossa cantadeira, da côr de Sulamite e das tendas Salomão, fecha com uma chave de oiro o seu escrineo de madrigaes!

«Quando anda, a terra enamora-se, como se andasse lá... nas coroas movediças do mar!»

A traducção de **nha-menino** [1] é pouco mais ou menos assim:

---

[1] O bordão **ia-ian** e toda a musica desta cantiga, leva-nos a suppor que é originaria de Cacheu. A sua auctora que seria Pepel liberta ou escrava, deve ter fallecido ha cerca de oitenta annos.

Ninguem hoje se lembra do seu nome, o que não admira. Os meteoros tambem apparecem nas altas regiões de um ceo escuro, descrevem um arco de luz, e desapparecem em qualquer ponto do horizonte, sem que o vulgo tenha a curiosidade de perguntar o que é, d'onde vem, e para onde vae!

A rima, essa puerilidade de Heine não tem logar nas producções espontaneas e repentistas das nossas cantadeiras africanas por se acharem ainda no seu periodo de sensação e de imagem. Em compensação o rhitmo e a cadencia são excellentes.

ia-ian, é uma interjeição de extasis e de contentamento. — E é para notar que esta cantiga é quasi toda feita de exclamações em que as palavras apenas entram

Oh!... o meu menino!
São os seus dentes lindos,
lindos, lindos,
como um renque de jarras de prata.
E airosa é a sua garganta,
tão airosa
como a de *iéma* em chão de verdura.[2-3]
Seu cabello em chorões,
é tal qual
amarantho de oiro *torcido*.
Suas pestanas parecem...
é mesmo assim,
das camisas as rendas de linho.
Tem os olhos vermelhos,
tão vermelhos

---

como formulas consagradas, á maneira de grãosinhos de incenso.

Perante o deus, poucas palavras e menos musica, que a cantiga, quasi se pode dizer, não tem: é um *lingui-lingui* monologado em veneração!

[2] O texto diz **blanha**, em Pepel, e significa o mesmo que arrozal ou alagamento.

[3] Ema ou *iéba*, é o casuar, para uns, e para outros é o flamingo, o phenicóptero. Ha exemplares no jardim zoologico, vindos da Guiné. Distingue-se das outras pernaltas da mesma especie pelo seu porte distincto e elegante, e seu pescoço de cisne.

como os tem o pardal no arvoredo: [4-5-6]
e são como quando entra,
quando irrompe
na janella uma onda de luar:
são como a luz da lua,
luz de estrellas

---

[4] Somos tentados a crer que esta côr dos olhos é simplesmente symbolica: comtudo é possivel que o *menino* tivesse os olhos encarnados, que para os pretos são os mais bonitos, os mais fascinadores, como em geral, os olhos azues para os habitantes do Sul da Europa, e os negros para os povos do Norte.—Caso este para pensar, que o bello em muitas coisas está na raridade ou na singularidade dellas.

O iris maculado de vermelho é raro, muito raro, mesmo entre os negros.

[5] No original: *cacho na polon. Cacho* da lingua Mandinga **cachó**, é uma pequena ave conirostra a que em Lisboa e Mossamedes chamam «januarios» de olhos encarnados, de plumagem escura e sarapintada como o pintasilgo.

E' tambem conhecido no dialecto creoulo-portuguez com o nome de «pardal.»

[6] *Polon*, em portuguez «poilão» é uma *mafumeira* ou Eriodendron. E' o mais agigantado producto da flora d'aquellas terras. Egual ou maior, só fóra dessa região se encontra a Adansonia.

Só correndo e saltando se pode escapar áquelle visco na apparencia innocente.

Estes perigosos bancos encontram-se junto ás ilhas das Arcas, de Bolama e das Cobras. A de Mantambor (máu-tambor) é notavel pelo rumor da mareta que, na praia-mar ao longe, e em noites de temporal parece o rufar de tambores.

E' perigosissima á navegação.

As coroas movediças de areia tambem se encontram nas costas de Bretanha e de Escossia; e Victor Hugo faz d'ellas uma descripção viva e palpitante de verdade.

Aos «enlizements» dos francezes chamar-lhe-iamos de bom grado *assolapamentos.*

Que o termo não é bonito, isso vemos nós ; porém define melhor.

Nota transitoria

O garoto podia muito bem ter a cabelleira côr de oiro fosco, porque como se sabe, esta côr mais ou menos ruiva, mais ou menos almagre, encontra-se em todas as raças humanas.

Porém não são as *nuances* do systema pilloso que nos aquece o prurido de alinhavar mais esta notula: e por isso que tem de ser relativamente extensa, pedimos desculpa ao leitor.

Para elles o tom avermelhado do cabello tem o quer que é de «feitiço» por que, segundo os seus «saibos» ou sabios (pouca ou muita, experimental ou expeculativa — elles tambem lá tem a sua sciencia),— a

côr distinctiva do *Iran* (!), das Ginas ou Genios, é positivamente ruiva; e tambem porque os primeiros homens, os homens primitivos *(fen-cotó)* eram todos dessa côr: e além d'isso... muito baixos, quasi anões atarracados, de braços longos, calcaneo enorme ou exaggeradamente desenvolvido(!) E a accrescentar: tartamudo, e posição erecta! — talqualmente, sem tirar nem pôr, o homem alalo, o pythecantropo terciario de Haeckel(!!...)

Agora perguntamos nós: — Quem foi que lhes ensinou?

É para notar que esta crença existe desde tempos immemoriaes antes que aquelle allemão illustre viesse espantar o mundo com as suas theorias e hypotheses.

E — pela millésima vez: *Não ha novidades debaixo do sol!*

O mais bonito e interessante é affirmarem que o tal homem ou animal ainda existe (!!...) com os nomes suggestivos de *Fencotó* e *Condoron;* e noutras partes, com os nomes de *Cudéne* e mourosinho encantado, sempre de barretinho vermelho (a cabelleira ! na Africa o barrete é substituido por uma cabaça, isto é, a mesma cabeleira intonsa, *fleurie).*

Tudo liquidado—Cudéne, mourosinho e o «garoto» de cabaça, veem a ser os mesmos entes mysteriosos de Haeckel e dos negros, que passaram á lenda com differentes nomes, por isso que todas as lendas bem sondadas dão sempre n'um fundo solido de verdade.

Haverá alguma relação de semelhança

entre o Fencotó ou Fencoten com o Rãnotómoniç das florestas das Novas Conquistas?—E uns e outros serão identicos aos homens selvagens encontrados por Hannon no seu périplo para alem das Columnas no golpho de Senegal?—Ou serão os mesmos homens cabelludos das ilhas Kuriles dos Annaes chinezes?

Claro está, que o gorilla não é aqui chamado.... o gorilla de Savage.

Mas, emfim, de toda esta noticia ultra-curiosa para os apreciadores, e ultra-importantissima (passe!) para os zoologos e anthropologistas, o mais que podemos concluir de positivo é que os negros affastam a sua raça dos taes seres hypotheticos tanto quanto approximam os brancos, em geral, das Ginas, dos Irans e dos Genios!

D'ahi a adoração «fetichista» da nossa cantadeira pelo seu **menino** por causa do seu cabello côr de oiro, e olhos côr de fogo... uma divindadesinha que, quando anda, a terra treme!

E nisto roda toda a sublime ideia, a *pedra de toque* destas perolas: a belleza sobrenatural dos deuses, com que a nossa cantadeira revestiu um mortal na infancia — belleza egual a das Ansc-fledês e Alb heidas dos germanos antes, e mesmo depois da influencia civilisadora do christianismo.

VII

APOLOGO

O Rei Djambatúto

UM dia os passaros, sentindo-se desanimados pelos estragos que o milhano fazia na sua geração, reuniram-se em assembleia para eleger um rei que os defendesse d'aquelle implacavel inimigo: e os votos recahiram em **djambatúto**.

«E' *djambatúto* um passarão de olhos vermelhos, voz de espavento, o mais tolo e mofino de todos os passaros».

Não passou muito tempo que não se vissem obrigados a ir ter com o rei, para se queixarem de que o milhano continuava a fazer grande devastação nos seus filhos; e o rei mostrou na sua cólera os seus olhos encarnados.

Os passaros, vendo aquelle assomo da real indignação, retiraram-se muito contentes dizendo: com o nosso rei ninguem brinca!

Mas, como o milhano continuasse a fazer sangue, voltaram dentro em pouco com as mesmas queixas. E o rei mostrou na sua colera os seus olhos encarnados.

D'esta vez, os passaros retiraram-se com o bico cahido, e disseram uns para os outros: «*ermons! ê nó rey bermedjona m' odjo amonton*» Irmãos! o nosso rei apenas tem olhos encarnados; e por isso, o que cada um tem de melhor a fazer, é vigiar e defender seus proprios filhos.

Judicioso conselho! muito mais acertado do que o da substituição do inoffensivo djambatúto por um outro rei, que lhes podia sahir uma serpente: no que mostraram mais juizo do que as rãs, que tambem tiveram um rei—um rei tronco—que por vaidade reclamaram ao pae dos deuses.

Por nos parecer muito curiosa a bella transcripção deste conto em dialecto crioulo—que nos serviu de thema para a nossa

composição tanto ou quanto ao sabor das litteraturas cultas — damol-a na integra, sem lhe alterar a forma, por nos merecer todo o respeito o seu auctor, que é um rapaz muito esclarecido e um dos nossos mais estimaveis auxiliares n'este genero muito arduo de trabalho. A sua maneira de escrever é mais normal e mais corrente que a nossa.

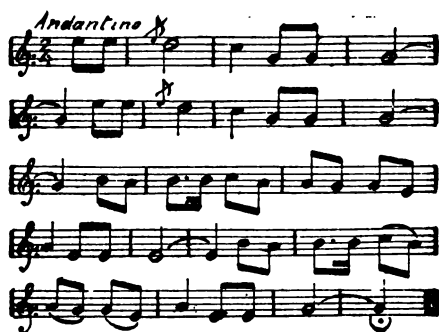
Storia de djambatûtû ré de pastros

«Um dia pastros djunta ês fallâ: Ermons! manhote co' falcon na cabâ nos fidjos; mindjor na escodje um águêm de respêto, na facêl nô ré. Tudo responde: ió... ióo, i bardade, parque se i ca sim, na ta ficâ sim fidjo. Alá que ês fallâ: quem que na ta pôe nos ré?

Um som respondê i fallâ na poi **djambá-tùtù**, parquê el que si odjo mas burmedjo de que tudo pastro. Es contâ djambatûtû tudo, i setâ, ês facêl ré. Nem i ca passa mem manga de dia, falcon co' manhote rabatâ fidjos de pastro.

Pastros djuntâ ê ba quéçá nho ré. Nho ré respondê i fallâ ês: Bô dêçâ par nha conta, 'n ta mostrâ manhote co' falcon. Outro dia manhote co' falcon torna rabata fidjo de pastro.

Pastros torna djuntâ ê bá tem co' djambatûtû. Quel sintâ-té i burmedjâ ôdjo, i brabo prope, toroc pastros falla: 'ndje...! es biás li ô, som i dá-no purbidencia. Nim i ca tardâ, manhote co' falcon tornâ m'barfustâ co' fidjos de pastros. És torná bá quéçá. Homé! djambatûtû sinta te i orfá prope, i brábo, i burmedja odjo i djurmentá cumâ i ta dá cabo de tudo manhote co' falcon que tem na mundo.

Alá que pastros sai, e falla um outro *(uns aos outros):* Ermons! É no ré si odjo burmedjo naman amonton: dêde men è câ ôçâ tambê manhote co' falcon. Cada alguem taratâ de si fidjo parque si no na fiá na el, na câ tâ ficâ co' nim um son».

VIII

nharambá

——

om bá-ba **caúr** oh !
om bá cobâ **lingron**.
om bá-ba **caúr** oh !
om bá cobâ **lingron.**
pêç cabalo **djidjih** co-mi oh !
om pupâ probe de mim !
testemunho pó de gamboa
alá q'**om** djargâ

*

a mi ê neto d'**antula-m co-i** oh!
neto.
a mi ê neto d'**antula-m co-i** oh!
neto ;
nonde polon q'ercê de se bontade,
neto;
nonde tarçade fassê porfia co ponta de sol oh
neto.

alá que nha bida stá oh !
alá que nha bida stá !
nonde palmera sotâ ramo
alá que nha bida stá !
nonde **polen** q'ercê de se bontade
sem ser regado.
nonde **nháe** culcâ pote de lete
alá que nha bida stá !

*

probe de mi oh ! na **dandú** !
probe de mi !
probe de mi oh ! na **dandú**
probe de mi !
nonde **bjogô** pupâ **cá-cá-cá** ! oh !
da-m' **canháco** !
nonde **balanta** pupâ **nida! nida** !
da-m' **gambanh** !

*

om obi *cèlò-cèlò!* !
om djantih bás de praia.
om obi *cèlò-cèlò!*
om djantih bás de praia.
na porto de mã lissa béra
om cá odjâ nha fidjo macho oh !
om bidâ **om** codjê pedra de biamanta
om consolâ.

*

amor dja-**m** fichâ oh !
amor dja-**m** fichâ.
amor dja-**m** fichâ oh !
amor dja-**m** fichâ.
om botâ chabe na fundo de mar oh !
amor dja-**m** fichâ :
encantado dja panhal-o oh !
serpente dja 'nguli-l

ploto da-m' licença
pa- **m** cambâ **caúr**.
ploto da-m' licença
pa-'**m** cambâ **caúr**.
əm bá pa cambâ **caúr** oh!
pêç cabalo **djidjih** co-mi !
əm sotâ mon na peto oh !
əm pupâ nha fidjo ben m amâ !

*

planqueta na mi oh !
planqueta na mi !
planqueta na mi oh !
planqueta na mi !
fumo d'ôro na nha fidjo macho oh !
planqueta na mi !
fumo d'ôro na fidjo macho oh !
planqueta na mi !

NHARAMBANAS

Nharambá, o bardo porventura mais querido e venerado pelos indigenas da nossa costa da Guiné, teria seus quatorze annos, o maximo dezoito, quando começou a cantar, por ser n'essa edade que as moças Pepeis de Bande, de Inté e de Antúla exercem a sua pequena industria de vendedeiras de *cuscus* e *batánga* nas ruas de Bissau, e á sombra dos poilões da Mura. E Nharambá era uma d'essas vendedeiras, no dizer de uma rival que, invejosa da sua fama, parodiava as suas cantigas com vaias e palmadinhas no ar como quem afugenta avejões (1).

Explendidamente nutrida, havia no seu porte, no seu andar — *demarche* —

---

(1) Vid. *Imitações* do APPENDICE.

um *quid* extraordinario de vigor e de «vibrações.» Mais um motivo para a chacota e apupos das suas rivaes. Mas ella proseguia no seu caminho sem se arrecear pelos seus calcanhares.

Aquelles mesmos que se diziam seus sinceros admiradores, não podendo explicar como ella viera a ser a primeira cantadeira do seu tempo, molestavam-na com a suspeita de que tivesse feito pacto com a serpente das praias, ou das arribas do mar, de Nhácara ou de Pantufan, vendendo a sua alma ao diabo a troco do *genio das cantigas*.

— E' lá possivel ?!

— Uma creança !

— Não tem que ver : «pegou Iran.»

Era assim que se rosnava.

Cançada de combater tão extravagante ideia, acabou por dizer ser verdade ter ido uma vez ás praias do mar, mas á pesca de mexilhões : e que se a serpente se parece com um cavallo-marinho (o que seria na verdade extravagante !), por Deus, que lhe causou um grande susto ; e se lhe não davam credito fossem «perguntar» ás brutas cannas das gamboas... N'um grau de civilisação superior teria dito : que fossem perguntar ás nymphas dos cannaviaes de Midas das orelhas grandes, e não andaria mal. Com effeito ! O que entenderá o «*sprito malial*», ou «maligno» ácerca de cantigas?...

De uma vez ás lindas praias
fui á pesca de mexilhões.
Fui á pesca de mexilhões
de uma vez ás lindas praias;
mas um cavallo-marinho
arremetteu contra mim:
assustada fugi,
e fui
esconder-me nas gamboas.
E são d'isso testemunhas
as cannas das armadilhas,
a quem podeis perguntar.

Ella mesma accrescenta e completa estas interessantes noticias biographicas a seu respeito, quando, cantando louvores á sua terra, descreve ao som de clarim o que n'ella ha de mais notavel: os homens de grandes estaturas, e os guerreiros que madrugam no campo das batalhas desafiando o sol!

Da tribu de Có sou filha:
sou neta da tribu Có
d'Antúla. Onde os poilões
crescem á sua vontade;
onde os raios das espadas
desafiam as alvoradas!

É para notar esta pompa de imagens tão peculiar das cantigas de Nharambá: grandes arvores que se vêem «crescer á sua vontade»; allusão aos homens agigantados da sua terra, e terçados que

«fazem porfia com o sol, que aponta» nas orlas do mar; outra allusão aos valentões de Antúla, os mais famigerados de toda a ilha.

Esta preoccupação pelas grandes coisas e sempre pelas mais altas e mais sublimes, e o singular emprego de uma linguagem muito fóra dos moldes populares, *terra a terra,* é tão suggestiva que, Deus do ceo! parece que aquella negrinha apesar de o ser, trazia a sua cabecita entre nimbos... como OSSIAN.

E comtudo, Nharambá não obstante haver nascido, a bem dizer, detraz de uma densa e larga nuvem prenhe de relampagos, os seus sonhos, o seu ideal, era pela vida modesta e obscura das vendedeiras de leite; e longe de se mostrar indifferente perante o sussurro mysterioso das florestas virgens agitadas por invisiveis Genios... os poilões e as palmeiras eram os seus encantos.

«É lá que a minha vida está»
onde a palma das florestas
agita os seus ramos.
«É lá que a minha vida está»
onde os poilões agigantados
crescem á sua vontade
sem regas e sem cuidados:
onde as moças feirantes
vendem tarros de leite
na praça rumorosa.

Coherente com estes bons sentimentos de mansidão e paz, manifestou sempre o seu horror pelas «luctas em que os homens se matam uns aos outros para comprarem a vida»: (!) e sobre tudo quando vê um Bijagó de Orango ou de Canhabak, que se levanta n'um impeto a perguntar pelo seu *tridente*, e um Balanta pelo seu terçado soltando os mais selvagens gritos.

Ella então pendura n'uma Livingstonia a lyra anacreontica, e volta de novo a tanger o seu clarim.

Ai de mim entre os guerreiros
combatentes de Dandú!...
Onde o forte Bijagó
solta o seu grito de guerra,
kah! kah! kah! *perguntando,*
minha azagaia onde está!?
Onde o rapido Balanta
dá o seu signal de ataque,
nida! nida! *bradando,*
o meu terçado onde está!?... (1)

---

(1) *Dandú,* é o grito de guerra dos grumetes da casa Barros, de Bissau.—Nunca nos souberam dizer a razão porque preferiram este nome a qualquer outro.

dandú é uma vasta região no reino Mandinga, que se estende até á margem esquerda do Geba perto de Gole e de Chime, e foi onde o primeiro portuguez, que se estabeleceu na Guiné, teve uma «*casa gros-*

A' sua lyra tambem não faltavam as cordas d'alma e dos affectos maternaes.

Nharambá tendo-se enamorado de um mocetão de Maláe (Malampanha ou Geba) a quem chamava «seu filho masculo» seu «gigante» dizia nas suas cantigas, que nunca foram para ella perdidos os seus passos em procura do seu amante; ou sempre o encontrava ou, como o genio da varinha do condão, semeava-lhe a terra de pedrarias.

Grande grita á beira mar
no porto da Lisa Véra!
Talvez seja o meu gigante
Que vem ahi de Maláe?
Perguntei, fui ver.
Não era.
Apenas umas canôas
de «ramalheiros» que vinham
em viagem á Guiné.
Voltei o rosto e a meus pés
vi diamantes brilhar.

---

sa» a que os indigenas deram o nome de **can-senhor,** «a casa do Senhor.»

As memorias dos nossos navegadores, sem exclusão de Cadamosto e de Almada, não nos deixaram noticia d'este primitivo nucleo de povoação dos portuguezes n'aquella costa d'Africa; e tal noticia não ria, por certo, destituida de interesse.

Baixei-me e apanhei um,
com esse me consolei. (1)

Não se fiando muito ou nada na constancia d'aquella divindadesinha de azas de borboleta e olhos travessos, encadeou-a, lançando as chaves no fundo do mar, as quaes sendo apanhadas por um encantado, foram ainda parar na barriga de uma serpente.

Como se vê, esta chave não estava menos bem guardada do que certo «cofre pezado» que os marujos n'uma travessia lançaram ao mar.

Fechei o meu amor.
O meu amor fechei-o
com um cadeado de prata,
e lancei as chaves ás ondas:

---

(1) Ramalheiro ou ramalhada fluctuante no diluvio, ou arrastada nos vae-vens da corrente. Termo injurioso inventado por Nharambá para disfarçar o seu desapontamento, lançando ao ridiculo os Manjacos da Costa de Baixo, grande tribu da raça Pepel, embarcadiça, honesta, trabalhadora, e certamente a mais habil de todas as outras tribus da mesma raça, e com instituições politicas muito mais avançadas ainda. — E não obstante são lá n'aquellas terras tratados por toda a gente como os gallegos em Portugal.

Cá e lá...

e o encantado apanhou a!
o encantado não foi longe
que não cahisse tragado
pela serpente do mar. (1)

Tempos depois, viu sorrir-lhe o fructo dos seus extremos e dos seus cuidados; pois que lhe ouvimos os gritos no caminho das dunas do mar, chamando por seu filho, quando um hippopotamo lhe barrou a passagem.

Deu me o piloto licença
de eu ir ás dunas do mar.
Quando nas dunas andava,
de repente ás «gargálhadas»,
grande cavallo marinho
arremetteu contra mim!
Soltei afflictivo grito!
e por meu filho chamei:
Corre, filho, vem mamar
o teu leite derradeiro!
corre, corre vem meu filho
aos peitos da tua mãe! (2)

Esta ê uma das canções que durante muitos annos ouvimos cantar com mais frequencia e com o mais internecedor recolhimento; era deveras edificante!— o que prova que a bondade d'aquella

---

(1) Cf. no APPENDICE *Canção de partida.*

(2) Cf. no APPENDICE—*D. Silvana*.

gente está muito longe de merecer tão injustificavel e injustificada comparação (quem nos acreditará ?!...) com a *bondade* (sic) *das féras* (sic, sic !...) (1)

Por certo, que o grito de Nharambá n'aquelle momento de suprema angustia não era *menos humano* do que os tristissimos lamentos de D. Silvana, chamando por seu «menino» horas antes de baixar á sepultura. Nem menos sublime do que o gesto verdadeiramente pathetico das mães apertando aos peitos os seus filhinhos,

---

(1) Não diremos, por honra do convento onde topámos com esta e outras gracinhas, aliás raras em outras *religiões;* o que é muito para admirar.

Todas as vezes que, (sem offensa), nos apparece um *ponto* pela frente a soprar logomachias e superlativos ácerca dos negros, dizemos logo com os nossos botões : *Este, coitado! nunca poz o seu rico pesinho em Africa; e se por lá passou, foi a correr.*

Claro está que os Barrosos, os Antunes, os Nogueiras, os Henriques de Carvalho não são vulgares. Mas, pelo visto, todos gostam, e não perdem occasião de *molhar a sua sopa.*

Por Deus! se antes de lançarmos a primeira pedra á PROSTITUTA, nos recolhessemos por um momento n'um exame de consciencia atravez da Historia, Christo teria tempo de baixar o seu divino rosto para escrever hierogliphos na areia!...

Cf. APPENDICE — *No centro d'Africa*

quando, em um dia fatidico, escutaram os sons de uma trombeta que abalaram os montes de Portugal.

Mais.

De uma vez, indo Nharambá com o seu filho ás costas ou ás cavalleiras atravez de uns campos, onde, dias antes, se tinha ferido uma batalha, presentiu occulto no capim o gentio que experimentava as escorvas!

Este passo, de uma rara invenção dramatica, serviu-lhe de thema para um dos seus mais bellos improvisos.

Trazei, muito embora,
vossas armas carregadas
de planquetas de metralhas,
de polvora dourada.
Mas disparae contra mim
as vossas metralhas
e contra meu filho
a polvora dourada! (1)

Basta de commentarios.

*

As cantigas de Nharambá, bem como as de Mondé, e da cantadeira de **nhamenino**, são muito conhecidas e popularisadas n'aquellas terras, para que possa haver tentação de se suppor que preten-

(1) No original le-se : *fumo de ouro.*

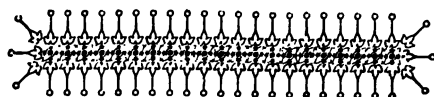
demos pintar deliciosas auroras côr de roza a favor dos negros, suppondo-os capazes de tão finos e levantados pensamentos. — Quantas vezes no silencio da noite, ou em noites de luar, não estacavamos surprehendidos, ouvindo coros de um orpheon ou cousa parecida, em que homens, mulheres e creanças cantavam as Nharambanas!

Foi assim que de côro em côro, de bocca em bocca, atravessaram aquellas originalissimas creações de tão nativa singeleza, cerca de quarenta annos sem notaveis differenças na forma. Nem d'outra maneira, cantadas ou declamadas em rhapsodias, viriam dos cyclos heroicos transpondo outros cyclos de longuissima duração — a Iliada e a Odissea.

Em conclusão. Que nos desculpem renovarmos mais uma vez a nossa pergunta.

Haverá nas canções genuinamente populares de *povo-povo* (Garrett) de outras raças humanas e sem litteratura escripta, alguma coisa que seja positivamente melhor? Heli Chatlein, Bertrand Bocandé, o bispo H. Gregoire da real Sociedade de Göttingue; Mungo Park, os Schuchardt e os Blumenbach, tambem eram, sinceros admiradores da litteratura tradicional dos negros, que elles conheciam muito melhor do que os nossos impagaveis rethoricos que teimam, desde os

tempos do mestre Gongora, *bras dessus, bras dessous* com o mestre Darwin, em não os distinguir lá muito bem dos brutos... por amor da arte.

Ainda ha muita gente que acredita nos antipodas de Adão! Uma doce mania como qualquer outra.

APPENDICE

Ás Nharambanas

Imitações

Cantiga de uma rival de Nharambá

nharambá oh!...
cháe de **nharambá!**
nharambá oh!...
cháe de **nharambá!**
nharambá badjuda de **cumbe** de **polon,**
cháe de **nharambá!**
nharambá ta iandâ **cássip-cassapá,**
cháe de **nharámbá.**

Oh! que terrivel rapariga é esta Nharambá! — Fóra com a cuscusseira dos poilões da Mura — Fóra! fóra com esse hypopotamo cujo andar é mesmo assim:

Quadrupedante putreũ sonitu quatit ungula campũ

Resposta attribuida a Nharambá:

Quel ê quen, oh?
náe! quel ê quen?!...
quel ê quen, oh?
náe! quel ê quen?!...
se ê **ca** quel-e bafo de **djugudi**
nariç melado!
se ê **ca** qule-e bafo de **djugudi**
nariç melado!

— Quem é? — Mas quem é a cantadeira?...

—Ora! quem ha-de ser! senão aquella ranhosa, cujo cheiro apesta como fartum de abutre!

Uma rival de Tóte

abó **tóte** de **can**-d'-olbéra,
tóte!
abó **tóte** de **can**-d'-olbéra,
tóte!
abó bo **ta** querê dôç e dôç oh!
sima galinha!
se ê mí que panhá-bo
co' nha fidjo macho oh!
om ta ratadjá-bo
sima fassenda
de lossa garande

Oh! desavergonhada Tóte! Tu, que tens amantes aos pares como as galinhas; cuidado! que se eu alguma vez te chego a apanhar com o meu conversado, faço-te em farrapos como se fosses uma peça de fazenda «de loja grande.»

Resposta de Tóte :

a mi q' ê tóte de can-d'-olbéra :
tóte !
a mi q' ê tóte de can-d'-olbéra :
tóte !
ca bós leba-m' na tina de nhácra :
tóte !
cá bós leba-m' na tina de nháe oh !
tóte !

A chamada Tóte d'Oliveira, sou eu.—Por quem sois ! Não me leveis as tinas da serpente de Nhácara, a mim Tóte ! —Não me leveis as tinas das bruxas de Bissau, a mim Tóte ! (1)

Uma que se queixa contra um Jalofo que pretendia roubar-lhe o filho

De todas as cantigas que se cantam na corda de Nharambá, com infinitas variantes, esta de **soroá 'ndjáe** é a mais perfeita e harmoniosa.

soroá 'ndjáe todjê nha fidjo oh
barandâ !...
na rua de fèra,
antam om ta mandâ contâ se mãe oh !
na goré,
pa e' ben consedja-l.

«Na rua da feira» soroá 'Ndjáe negou-se a entregar-me o meu filho, flexivel como

---

(1) O texto diz **nháe**, mulher Pepel de Bissau; porém deve-se entender que se trata de **nháes** que têm tinas de lavadeiras durante o dia, e tinas salgadeiras durante a noite.

Salgadeira, em sentido metaphorico—*maleficios*.

o vime, *barandâ*. Eu então mandarei a Goré contar a sua mãe (do rapaz) para lhe vir pedir explicações.

D. SILVANA

Mamma, mamma meu menino,
D'este leite de paixão,
A' manhan por estas horas
Está tua mãe no caixão;
Mamma, mamma meu menino,
D'este leite de pezar,
A' manhan por estas horas
Está tua mãe a interrar;
Mamma, mamma meu menino,
D'este leite de amargura,
A' manhan por estas horas
Está tua mãe na sepultura;
Mamma, mamma meu menino,
D'este leite derramado,
Que ámanhan por estas horas
Está meu corpo sepultado.

(Do **Romanceiro portuguez**, por *L. de Vasconcellos* — 1866.)

Canção de partida

Ao meu coração um pezo de ferro
Eu hei-de prender, na volta do mar.
Ao meu coração um pezo de ferro...
Lançal-o ao mar.

Quem vae embarcar, quem vae degredado,
As penas do amor não queira levar.
Marujos, tomae o cofre pesado,
Lançae-o ao mar.

E hei-de mercar um fecho de prata.
O meu coração é o cofre sellado:
A sete chaves guarda uma carta,
Releio-a no dia do teu noivado.

A sete chaves a carta encantada,
E um lenço bordado. Esse hei-de o levar...
Que é para o molhar na agua salgada
No dia em que emfim deixar de chorar.

Lisboa, 1893.

CAMILLO PESSANHA.

(Extr. da *Tribuna*).

Cuscus e batanga

Não sei se temos tido a boa fortuna de nos fazermos comprehender.

Não é, nem nunca foi nosso intento fazer gala de erudição de novas *sciencias*, de novas artes e litteraturas quasi absolutamente desconhecidas nos paizes cultos e que são apesar d'isso — banaes, para uns; ridiculas e extravagantes para outros, e com que, demais a mais, nunca ninguem fez fortuna.

Não importa.

E d'ahi, quem sabe... Talvez, conforme se nos tem dito, os ethnographos e os doutos orientalistas, tenham um outro modo de pensar muito differente.

Não sei.

O nosso fim ao escrever estas «curiosidades» é tentar convencer a quem faz o favor de nos lêr — não com bolas de sabão e palavreado de grandes effeitos de embasbacar as turbas — mas com o maior numero de factos, que se acham sob o estreito dominio do nosso conhecimento, de que os negros estão muito longe de ser o que por ahi vulgarmente se diz e se escreve.

E d'esses factos, d'entre muitos outros que iremos registando, lembra-nos agora este : o conhecimento da physica applicada, naturalmente rudimentar, que mani-

festam já na confeição de *cuscus* por meio de uma machina de vapor... machina ou apparelho que consta de dois corpos independentes: um **binde** [1] com orificios ao fundo, e que se ajusta á bocca de uma panella onde ferve uma pequena porção d'agua. A fuga do vapor é vedada em toda a linha de contacto com uma pouca de massa impermeavel. O vapor obrigado a atravessar o crivo d'essa especie de capacete invertido dos distiladores vulgares — cose ou recose como que a banho-maria a farinha que enche completamente o **binde.**

Então as reacções physico-chimicas desenvolvem o gluten que, á maneira de uma substancia colloide, liga os grãos de amido formando um todo que affecta as formas de um solido hemispherico, leve e esponjoso.

E ahi temos nós uma especie de pão cosido a vapor, e que não tem nada de desagradavel.

Vão muito esquecidos os bons tempos em que as raças, «as unicas progressivas», cosiam o seu pão entre duas pedras aquecidas ao lume. — Os negros Pepeis de Bissau tambem usam do mesmo processo; porém com os aperfeiçoamentos que acompanham sempre a natural evolução do espirito humano.

Uma placa, chapa de ferro ou de bar-

---

(1) O *binde* é de barro, e tem a formula de uma capsula de porcellana.

ro, é assente sobre brazas, e por cima de essa chapa se lança uma porção de massa de farinha, que se estende por seu pezo, ficando depois de cozida com a forma espalmada do pão da edade de pedra polida, ou dos Kjoekkmoenddings.

E' a **batanga.**

A pedra aquecida que então (e ainda hoje (!) usam os toscanos na fabricação da *polenta*) — se sobrepunha, tinha por fim conservar a egual distribuição do calor atravez de toda a massa, para evitar a sua carbonisação de um lado ; pois essa pedra dura e requentada em que só se podia pegar com tenazes de páo — foi substituida entre os negros por uma simples folha de bananeira, entreposta á massa e á chapa em contacto com o lume ; sendo a funcção d'essa folha perfeitamente egual á de uma boa rêde metalica dos laboratorios chimicos !

No centro d'Africa

—

«Achando-me na Kamba em 1852, um incendio produzido pela explosão de cerca de 30 kilogrammas de polvora consumiu a casa que eu habitava, e tudo quanto eu possuia. Era hora adiantada da noute quando isto aconteceu, todavia de todos os logares proximos os gentios correram em nosso auxilio.

A perca porem foi total. Fiquei, bem como um companheiro que comigo habitava, sómente com a roupa no corpo. Nós estavamos n'aquella terra havia apenas um mez e por isso poucos conhecimentos tinhamos, no entanto todos os Negros nos queriam levar para suas casas, havendo só difficuldade na escolha, para não offender os que se julgavam com mais direito de nos receberem.

Afinal decidi-me pela casa do *Muene-Xicondeixo*, chefe da localidade; e que era meu visinho.

....

....

Como o meu companheiro não podia fazer uso das mãos, por estar muito queimado, uma preta mettia-lhe o comer na bocca; outra estava sempre ao nosso lado,

para nos enxotar as moscas. E' bom advertir que nós não tinhamos escravos.

Emfim eramos tratados com um carinho, com uma dedicação como se fossemos membros da familia. Toda a minha vida me recordarei com reconhecimento dos beneficios que n'aquella occasião recebi d'aquella boa gente.»

(*A Raça Negra,* por A. F. Nogueira, pag. 121.)

*

Com o celebre viajante Mungo-Park deu-se um caso semelhante que passamos a transcrever textualmente:

«Le voyageur Mungo-Park alloit périr de besoin au milieu de l'Afrique; une Négresse le recueille, le conduit chez elle, lui donne l'hospitalité, et assemble les femmes de sa famille qui passèrent une partie de la nuit à filer du coton, en improvisant des chansons pour distraire l'homme blanc, dont l'apparition dans ces contrées étoit une nouveauté: il fut l'objet d'une des ces chansons qui rapelle cette pensée d'Hervey, dans ses *Méditations: Je crois entendre les vents plaider la cause du malheureux (Hervey,* Meditat, p. 151) Voici cette pièce: «Les vents mugissoient, et la pluie tomboit; le pauvre homme blanc, accablé de fatigue, vient s'asseoir sous notre arbre; il n'a pas de mère pour lui apporter de lait, ni de femme pour moudre son grain»; et les autres femmes chantoient en coeur:

«Plaignons, plaignons le pauvre homme blanc; il n'a pas de mère pour lui apporter son lait, ni de femme pour moudre son grain.» (Voyages et découvertes dans l'interieur de l'Afrique, par *Houghton* et *Mungo-Park.)*

(H. Grégoire, De la litterature des Nègres. A Paris, M. DCCC. VIII—p. 121.)

GIGANTES

Como é de suppor, Nharambá não podia por duas vezes referir-se simplesmente ás grandes arvores, que «á sua vontade» crescem na sua terra; por quanto, nas florestas todas as arvores crescem muito á sua vontade: por isso estamos convencidos, de que, uma das vezes pelo menos, ella se expiimia em sentido figurado, segundo o seu costume; e os seus poilões seriam tambem homens agigantados.

Com effeito, houve, não ha duzentos annos, na aldeia de Antula, sua terra natal, uma fidalga chamada Alelé, filha de Bombôla, tio do regulo Fafá. Esta Alelé teve dois filhos chamados Fula e Balambar, que deixaram uma extraordinaria geração em numero e qualidade de homens de avantajadas proporções. Por isso, foi Alelé «santificada» por ter sido uma benemerita da sua tribu.

Em nota, diremos, ser esta a segunda vez que falamos em «santos» ou «santificações:» a primeira foi na *Tribuna*. Bem sabemos que, com excepção de Livingston, muitos se hão de rir com o riso escarninho dos preconceitos. E não accrescentaremos, que sempre se riu melhor o

ultimo a quem coube a sua vez de se rir, porque seria em nós uma sensivel falta de amabilidade para com os nossos leitores, cuja benevolencia desejamos merecer. Porém, com alguma paciencia mais, hão de ver que nenhum de nós tem motivo para sair do seu serio, por ser a conscienciosa exposição dos factos o nosso lema, a nossa força, que não os nossos talentos.

Que podemos errar é certo, como toda a gente, o que não é razão para se zangarem comnosco, e muito menos para nos quererem mal. *Humanus sum, nihil a me alienum puto.*

«Santificar» foi o termo que nos transmittiram quando cavavamos pacientemente nos riquissimos *stratus* das theogonias dos negros, levados pela curiosidade em comprehender a metaphorica significação e o valor d'estas singulares palavras de Livingston: «A religião do negro é doce.» E que, «ácerca de Deus nada tinhamos a ensinar-lhe.» Julgamos, pois, conveniente conservar o termo «santificar» por não ser completamente desarrazoado, se com effeito a religião d'elles é doce, e se nada temos a ensinar-lhes ácerca de Deus e seus attributos.

De passagem notamos ainda que não foi sem intenção que escrevemos *stratus*, por ser tão difficil apanhar á mão as linhas geraes da historia d'aquellas tribus, da sua politica, da sua religião, da sua moral, como é em extremo difficil evocar á luz os monumentos soterrados da prehistoria dos po-

vos cultos. Além de que, em vista de não poucas razões e argumentos, que temos encontrado a cada passo n'essas escavações, estamos cada vez mais tentados a crêr, que os negros com a sua historia lendaria, seus usos e costumes curiosissimos, são os herdeiros ou actuaes representantes de uma grande civilisação despedaçada, cujos fragmentos se encontram ainda dispersos pelas florestas, e sob as estratificações do humus accumulado durante incontaveis centenas de seculos.

Agora, com a devida venia, passamos adiante.

*

Para um individuo merecer o culto de dulia (é rigorosamente o termo) além de uma vida «irreprehensivel» é necessario que seja causa ou origem de a sociedade entrar na posse de grandes beneficios, ou que seja elle o auctor d'esses mesmos beneficios. Com os reis ou chefes d'Estado dá-se o facto singular de que tambem podem ser santificados, se durante o seu longo reinado (o *tempo* entra como coefficiente mais seguro das qualidades moraes do homem, e o seu minimo são noventa annos!) (*) não tiver havido a mais ligeira perturbação seguida de revoltas e guerras sangrentas que maculam a

---

*) **Não digas feliz a um homem antes da sua morte —SOLON.**

Não exaltes homem algum antes da morte—ECCLESIASTES.

Terra sagrada... templo e «morança» dos seus manes e dos seus *Genios.*

Não contando Alelé, a qual, como vimos, foi santificada por ter dado um grande prestigio a sua tribu com uma prole de gigantes, temos a indicar ainda os seguintes:

Bandundû, e Surcá-Djasse um e outro, respectivamente, reis de Inté e de Manháu —de Tildjih—que foram santificados por terem ambos reinado n'uma linda paz octaviana por um espaço de tempo approximadamente duzentos annos:

Aré, «potentado» de Bissau, que se sacrificou com o fim de applacar os deuses indignados, os quaes não «largavam» a chuva para castigar os homens.

O Papá Nabzéghe, vulgò Babá, rei bijagó de Orango, e pae do famoso Caetano, por haver ordenado antes da sua morte a cessação das hecatombes dos escravos, e enterramento em vida de algumas concubinas nos tumulos dos reis defunctos.

....

Uma pedra redonda ou cylindrica; um *cromlech* ou circulo de pequenas pedras, marca a jazida sagrada onde um *sacrificador* expressamente encarregado do culto do «santo», vae de tempo a tempo fazer as suas offerendas e libações. E quando toda a sociedade é ameaçada por uma grande calamidade publica, é então o rei, a sua côrte e o seu povo que se dirigem em romaria ao logar santo para ultimarem as suas preces.

E quando vemos um negro ajoelhado

deante de uma pedra ou de uma arvore, dizemos na infalibilidade da nossa sciencia : *olha aquelle adorador da «materia brutal»*

*

Pedimos licença para não dizer e escrever em linguagem corrente—*Padre feiticeiro* por ser terminologia para elles absolutamente desconhecida e mesmo incomprehensivel. E o sr. A. F. Nogueira *(A raça Negra)* (*) parece-nos que não está longe de concordar comnosco.—E porque não se hade dizer *Padre fetichista* em logar de Padre-feiticeiro ?

Se os taes Padres fazem guerra de morte e exterminio aos feiticeiros, como diabo são elles feiticeiros ?

Fetichismo, é um termo de ha muito consagrado, e que, parece-nos, perdeu completamente a ideia ou significação de feitiço.—*Fetiche* ou *Fetichismo*, é uma religião, uma crença em Deus, nos *manes,* nos Genios ou semi-deuses : «é privativa dos negros d'Africa.»

Feitiço ou *Feiticismo*, é uma superstição, uma arte diabolica com intuitos perversos: se é culto, deve de ser o mais espalhado por todo o mundo.

(*)... Cannecattim querendo traduzir no seu *Diccionario da Lingua Bunda* Padre, Abbade e Cardeal escreveu: *Tata Nganga* (pai feiticeiro), *Nganga Cota* (feiticeiro mais velho), e *Móna gua Papa* (filho do Papa), o que todavia não quer dizer que se não possam exprimir aquellas palavras de outro modo—*(Obra citada,* pag. 222.)

Foram os primeiros marinheiros portuguezes desembarcados nas terras de Moçambique, os quaes, á mingua de terminologia ou de differenciação, chamaram ao exercicio religioso dos cafres—*Feitiço*, que gerou Feiticismo, que o sr. Candido de Figueiredo expungiu do seu Diccionario... Porque?

*

Escusado é dizer, que n'um semelhante regimen de instituições, o duello entre aquelles «selvagens» é em geral absolutamente condemnado.

Pendencias d'honra, poucas ou nenhumas: só as ha entre regateiras, resolvendo-se a favor d'aquella que soube dar mais á lingua; e entre os rapazes contra aquelle dos luctadores, que tiver dado com os costados no chão.

—Infantilidades?...

D'accordo: mas, antes assim! E ai de quem, no furor da brincadeira chegou ás vias de facto fazendo sangue! E' expulso do paiz, quando não fôr, «comido pela noite». Entre os Pepeis, o sacrilego paga tão pesadas multas para as longas cerimonias de reconciliação com a Terra, que nunca mais lhe volta a tentação de socar e agatanhar o seu semelhante.

Ha excepções, como em tudo.

Entre as obscuras tribus Cassangas que habitam as margens do S. Domingos, talvez por serem mais *civilisadas*, admittem o duello de sangue e de morte, com tanto

que o terreno onde se dirimam pleitos d'essa natureza, se encontre fóra da influencia e jurisdicção dos homens e dos deuses (!) Por isso, é costume abrirem um poço para onde os contendores, amarrados pela cintura com uma corda, descem levando facas atravessadas nos dentes.

Chegados ao fundo, d'onde se não póde fugir—arremetem furiosos, batem-se e cosem-se á facada que é uma belleza!

O vencedor—é içado para fóra do poço que ficou lavado em sangue! E o vencido—é abandonado á sua sorte por não pertencer ao mundo dos vivos nem ao imperio dos mortos. (!)

Um dia, o duelista precito, apparecerá á meia noite transformado n'um lobishomem — *loup garou* — soltando espantosos gritos:

aaaaaaaaaaaaaaa mánh!

É então—que as mães dizem muito baixinho n'um dialogo:

—Ouvistes, filho?!...

—Ouvi!

—E' o **jifráfro!**. .

....

E... marque lá um tento, Dr. Livingston! (*)

(*) **Nota transitoria**

Já por mais de uma vez nos perguntaram se os pretos teem alguma noção do tempo e dos numeros, e se por ventura sabem determinar, indicar ou fixar as suas datas chronologicas.—De uma maneira muito simples contam os annos de «chuva a chuva» ou de «quebra a quebra»; isto é: o tempo que decorre entre duas *aguas* ou duas colheitas de arroz. Os mezes, de «lua a lua» com as suas semanas de 6 dias, reservando o ul·

IX

batira cáò

batira cáò oh!
bchongolon bchéne eh!
bchongolon bchéne eh!
batira cáò oh!

*

Hymno Pepel

A Pires Avellanoso

Ah! Batira Cáo
lavrou canoa.
Ah! lavrou canoa
Batira Cáo.
Ah!...

Esta cançoneta de um indigena da ilha de Bissau ao ver o lançamento ao rio de uma grande piroga cortada na floresta a golpes de machado, synthetisa por uma fórma a mais espontanea e encantadora, a mais primitiva que é possivel imaginar-se, o seu espanto, a sua admiração, perante essa obra d'arte e industria — verdadeiro *tour de force*—tão monumental para elles, como para nós o lançamento a nado de um transatlantico de 15 a 20 mil toneladas.

---

timo para descanço e folganças. Pelo menos foi isto que, durante dois annos observámos entre os Fulupos e Baiotos, que passam por ser d'entre os selvagens, os mais selvagens.

Lançam mão de differentes signaes para fixar as

X

CRYPTINAS

O lobo e o carneiro

A Christiano M. de Barros

Era uma vez um carneiro muito nedio, que seguia todo secio por uma estrada fóra com umas grandes bolsas e respectivos contrapezos quando, de improviso, se lhe atravessou no caminho um lobo desgarrado, desfazendo-se em comprimentos.

—Bons dias, compadre!

—Bons dias, compadre! Correspondeu o carneiro.

—Para onde vaes tu com essas mallas á laia de badalos? Perguntou o lobo.

---

datas e os numeros, a saber: *quipós*, sementes e pedrinhas; golpes na aresta de uma acha; feixes de paosinhos atados, e riscas a carvão.

5, é em geral a base do seu systema de contar.—E em quanto a uns apenas lhes falta um termo para designar billiões (os Mandingas), outros, como os Baiotes, difficilmente contam até vinte, e ainda assim com o auxilio das mãos e dos pés.—Os Dravidas, nem pelo facto de o serem, estão mais adiantados na sciencia dos numeros.

—Vou á feira, compadre; levo ovos para vender.

—Oh ! diabo ! Vaes á feira que fica tão longe ? !... Não caias n'essa, compadre ! Dá-me antes tres marradas e passa-m'os, p'ra cá.

—O quê !... Os meus ovos ?

—Sim !

—Pois então, espera ahi.

O carneiro recuou, e pregou-lhe tamanha bordoada, que o mestre lobo foi tres vezes ao chão... e tres vezes se levantou reclamando os ovos.

Porém, o valente bicorne observou:

—Para a conta, se dá licença, compadre, ainda faltam tres marradas... Acaso estarás tonto ? !...

—Bem! Então vamos á segunda, condescendeu o lobo.

O carneiro tornou a recuar com o trazeiro : recuou, e continuou a recuar ainda alguns passos á retaguarda...

Mestre lobo vendo aquella manobra pensou que o melhor era pôr a pelle no seguro, e chamando pelo seu compadre, disse:

—O' compadre! se te demoras muito, quando voltares não me encontras cá, não !...

E por causa das duvidas, o patife metteu o rabo entre as pernas e girou.

Na lucta pela vida, uma retirada a tempo é um acto de prudencia.

storia de lobo co' carnél

«Un dia lobo odja carnél na passa, i rabidá e fallal: Nha cumpáde nho dam tres modjadera antan nho dam obo...— Carnél fallal: Bom: nha sequedo la peram. A la que i racuâ, e madjal bip! Namânâ cae i labanta e falla: tres... tres... dôs... dôs...

Carnél fallal: não, e um som inda. Lobo respondé e fallal: Bom, e um; torna madja pô.

Carnél bida e na racua co' bunda. E racua... e racua... Ti lobo caba odjal na quel manobra e fallal:

Nha cumpade:

Se nho na tardâ nho ca ta ocham li

Bis!... lobo po pé na sirbis. E bá se caminho.»

(Do auctor da **Storia do Djâmbatútû ré de pastros.** Escusado é dizer que esta transcripção está feita por mão de mestre.)

XI

O jugudi e o falcão

(APOLOGO)

Ao Dr. Ramos da Cruz

O jugudi é um abutre muito parecido com o perú. Grande bico, e muito mal encapotado nas suas grandes azas de côr de lama. — Os naturaes poupam-n'o, por ser o gato-pingado, e a vassoura dos campos.

Um dia, estando empoleirado n'uma arvore a fariscar carne morta, veiu n'uma revoada pousar junto d'elle um falcão, o qual, depois de o contemplar em silencio, lhe disse:

— Por que e que tu, tendo um bico tão grande e umas azas como vellas de fragata, não vaes por essas terras fóra á caça como toda a gente?

— Eu... respondeu o jugudi não gosto de fazer mal a ninguem; contento-me com a carne dos que vou encontrando mortos pelos campos. E' a minha religião e a minha moral.

— Pois nós outros não padecemos d'essas sentimentalidades... Vês n'aquella figueira uma pomba... vês? Já me não escapa! E arremessando-se no

espaço como um dardo, foi dar com o peito n'um tronco, e cahiu sem sentidos.

Apenas despertado do seu desmaio, não foi por certo a pomba a primeira coisa que os seus olhos viram. Esta bateu azas e fugiu: Quem encontrou ao seu lado foi o jugudí que pacientemente esperava.

O falcão muito aterrado, dirigiu-lhe então esta supplica:

—«Por quem és, tio jugudi, não me façae mal: bem vês que ainda não estou morto, **om ca** *morê inda qué*».

O jugudi respondeu:

—«Podes morrer á tua vontade; que eu, cá por mim, nunca tenho pressa; na certeza de que de toda a maneira já me não escapas.»

O falcão pouco depois estrebuchou; soltou um guincho e finou-se.

E aquelle benemerito varredor dos campos banqueteou-se n'esse dia como um principe.

Foi assim que outr'ora se fizeram e desfizeram imperios.

falcon cu jugudi

Falcon uxa jugudi sintado na polon i na quentá sol, falcon falla jugudi, abó sumá bu grôs-sim bu boca gudu assim-me bu catá pudi matá nada par bu cumé.

Jugudi fallal, amim ta pera sóm quel qui Deus dam. Quel cu mori unta cumé.

Falcon cabá de papiá qu jugudi, i ujá *(odjâ)* pumba sintado na-pó de carbon seccu e falla, jugudi, bu, ujá *(odjâ)* quel pumba que sintá-lá na pó de carbon seccu, um naba rabatal gossim.

Falcon buá, e cabá *(caá-bá?=cabâ bâe)* par rabatá pumba si ança ba bati na pó de carbon e quebra, i caé.

Jugudí cabá ujá *(odjâ)* falcon caé i buá e ba-sintá perto de falcon na chon.

Falcon fallal, é jugudi tem pacença cabu cumen inca-murí inda.

Jugudi fallal bom ami incatatem de preça, tudo modo na murí cubu está.

Pouco tempo falcon muri jugudi cumel.

Buba, 12-11-95.

(Ass.) Luiz C. D.

Uma variante da parabola FALCON CO' DJUGUDI que nos foi obsequiosamente remettida por .. Adolpho Eduardo da Silva (?)

Parece-nos mais perfeita que a anterior

*

Um dia falcon odja djugudi sintado na polon e na quenta sol e na djobe campada, e fallal:

Abó sima bo gros si, bo gudu boca, bo ca ta montea ni um rato, qué co todjebo?

Djugudi responde e fallal, um ta pera som ora co Dés sumolam um ta cume, i el co *(que é?)* nha rillidjon.

Djugudi caba papea falcon bída e fallal abó í amontom, *(tu ès um imbecil)* bo na odja um pomba riba de quel pó de fuguera? Ampos um na ba rabatal ni i ca ta tarda.

Quel ora i bua e ba madja peto na po de fuguera e cae na chon, pomba patepate si ança e bua e ba sucundi na mato.

Djugudi sima i odja falcon na chon i bua e ba síquído junto del e na bisial.

Falcon caba odja djugudi longo del i mede e fallal qué tio tem passença ca bo comem, um ca more inda qué.

Djugudi rusponde e fallal, ami o *(oh!)* um ca ta tem dupressa, tudu mode bo ca ta caplim mas.

E ca tarda falcon pitipiti e more, djugudi cumel.

Bolama, 2-4-98.

XII

morèno

*

tem poder oh!...
tem poder más-se deus oh!
morèno!
bosta de baca càia cassa...
morèno!
tripa de baca marâ cancra...
morèno!
ai! sangue de baca sirbí iágo...
morèno!
lingo de baca sirbí cudjer...
morèno!
ai! dente de baca sirbí garfo...
morèno!
sapata de baca sirbí copo...
morèno!
oredja de baca sirbí prato...
morèno!
ai! rabo de baca sirbí chicote...
morèno!
cabeça de baca əm trancâ porta
morèno!
tem poder más-se deus oh!...
morèno!

MORENO

Moreno, era um sujeito muito rico, tão rico que uma cantadeira lá da terra para o lisonjear dizia: que se Deus quizesse um dia caiar o ceo — tinha de ir ás praias fabricar cal das ostras do mar; para se defender dos ladrões—malhar ferro para trancas e ferrolhos das suas portas e das suas arcas; e quando lhe desse a vontade de beber uma pinga, havia de dar-se ao incommodo de trepar por uma palmeira acima—se podesse.— Com Moreno, porém, a coisa mudava muito de figura, porquanto, não tinha necessidade de sahir de sua casa, e nem sequer do seu curral para encontrar á mão tudo quanto desejasse e lhe fosse necessario. Com o lixo de seus estabulos «podia muito bem caiar a sua casa»; no sangue de seus novilhos tinha «agua e vinho» para beber e para se lavar; com cabeças de touro e suas armações— fechos e ferrolhos para as suas portas. Finalmente, a baixella de sua casa, só de orelhas, cascos e ossos se compunha.

Portanto, Deus, comparado com Moreno, era um ente inferior!

Ha quem diga que toda esta *puxada* é uma satyra. Bajulice ou satyra, em qualquer das hypotheses, não deixa de ser d'essas originalidades que merecem classificação fóra de todo o concurso.

Typico e pyramidal!

Quem pode mais que Deus?...
Moreno!
Com os estrumes dos curraes
caia as paredes do seu paço.
Com as tripas dos touros
amarra as vigas do tecto.
Ai! a agua para seu uso
é sangue de rez immolada.
Com uma lingua de vacca
come suculentas sopas.
São seus pratos de meza
grandes orelhas das vaccas:
servem de garfo os dentes:
servem de copo os cascos.
Tem chicotes p'ra seu uzo
feitos de caudas de novilho.
Ai! com cabeças de touro
embarricadou suas portas!
Quem pode mais que Deus?...
Moreno!

A Thomaz Borba

XIII

bende-m'

---

bende-m' oh!
sinhô garande
bende-m'
bende-m' oh!
sinhô garande
bende-m'
tudo cabo pilon
ta pilado oh!
sinhô garande,
bende-m'.
tudo cabo balé
ta branco oh!
sinhô garande,
bende-m'
bende-m' oh!
sinhô garande
bende-m'.
bende-m' oh!
sinhô garande
bende-m'.

Vendei-me senhor

Cantiga de uma infeliz escrava

Vendei-me senhor!
Meu nobre senhor,
vendei-me!
Vendei-me senhor!
Meu nobre senhor,
vendei-me!
Em Cuba e Jamaica
ha arroz e pilão.
Vendei-me senhor!
Meu nobre senhor,
vendei me
Na terra dos pretos,
na terra dos brancos,
a boa farinha
branqueia o balaio.
Vendei-me senhor!
Meu nobre senhor,
vendei-me!
Vendei-me senhor!
Meu nobre senhor,
vendei-me (*)

Esta escrava, por certo, não era castigada com ramos de coral, como a outra que por ser mais afortunada cantou a sua boa estrella:

a mi é **malan** *oh!*
que bem-ba por báe.
Eu era triste escrava
que vinha p'ra embarcar.

(*) Vid. a not. junta—BALAIO.

NOTA

BALAIO

O balaio, com o pilão e o *páo de pilar,* (*) completa o numero dos tres instrumentos empregados na limpeza do arroz e na fabricação da farinha. Affecta a forma — não de um «alguidar» — mas de bandeja ou taboleiro de base quadrada, borda alta e circular com rebordo: é um tecido solido ou entrançamento apertado de lascas de canna de rota ou *serimpa.*

Machina simplicissima! que embora demande destreza excepcional e muita intelligencia, as negras d'Africa entretanto fazem com ella verdadeiras maravilhas, conseguindo ao mesmo tempo iguaes resultados aos que se obtem com a siranda, com a peneira, e com o processo archaico de ventilação e de «erguer ao vento».

Não é preciso dizer quanto é surprehendente a maneira como fazem uso d'esse instrumento tão superlativamente simples, e sabem tirar o melhor partido das leis da mechanica e da physica applicada, cujos principios naturalmente presentem, mas

(*) O *pilão*, é um grande almofariz de madeira bem lavrada, e parece se na fórma com um copo graduado das pharmacias: a mão do gral chamam elles *páo de pilar*, que é quasi da altura de um homem.

que não saberão explicar... como a sciencia por muitos seculos não soube explicar tambem a razão das trepidações do tampo de uma caldeira, e porque as laranjas desprendidas dos seus ramos, caem das laranjeiras.

O arroz em casca, que suppomos no balaio, depois de «pilado» contém de mistura a muinha, o farello, e muito grão quebrado, minusculo, imperceptivel... Com um arremesso—lançam ao ar todo o conteúdo que se espalha em leque; e n'um gesto, apanham no balaio o grão que se precipita primeiro, e com um airoso movimento de recúo, abandonam a muinha que o vento leva.

Isto sempre assim sem parar — n'um jogo successivo de balanço, e tantas vezes quantas seja necessario para que o arroz fique completamente limpo.

A esta primeira face da operação chama-se—**fequê.**

Tendo o bago fragmentado (**nhelen**), por meio de movimentos semi-circulares em plano inclinado, com vibrações, conseguem—nem eu sei como!—a sua reunião ao centro pela força centripeta, e depois pela força centrifuga a um canto do balaio, d'onde é baldeado n'um arremesso.

A isto chamam elles—**iorombó.**

Quando reduzem o arroz a farinha, o amido é separado do carolo imprimindo ao balaio movimentos semelhantes, porém mais frequentemente verticaes e sacudidos — **tentê**: de vez em quando,

uma pancadinha por baixo, ao centro, é indispensavel e complementar... Com as pancadinhas o ar é expulso! e... como um disco de papel acompanha na queda uma moeda que se precipita no espaço, o amido adhere ao fundo do balaio—que branqueia; o carolo então entra n'uma «dansa de granizo» e convergindo em pequenas ondas curvilineas para o centro, forma nucleo ou «cabeça de farinha», segundo as mesmas leis, que teriam presidido no espaço á formação de certas nebulosas, que geraram estrellas... N'um sublime e ultimo arremeço, o carolo é apanhado na concha da mão!

Resta a farinha, impalpavel e de uma alvura immaculada no fundo d'esse taboleiro de *serimpa,* o qual, não sei a razão porquê, as Fadas o não convertem n'uma bandeja de oiro.

Aos manes do Newton e de Laplace consagramos o balaio das negras de Africa.

XIV

ELEGIA

Na mesma corda da infeliz Escrava, cantou uma pobre mulher cahida na miseria, depois de ter sido muito atormentada de desgostos pelo seu consorte. As amigas para lhe levarem um raio de esperança e o balsamo da consolação diziam que, em summa, se resignasse a esperar por seu marido ausente em terras estranhas.

spéra-l

spèra-l oh!...
om ca-*i-ar sintâ* **om** *spèral.*
spèra-l oh!...
om ca-*i-ar sintâ* **om** *spèra-l.*
lembrança de binda de nha morto oh!
om ca-*i ar sintâ* **om** *spèra-l.*
lembrança de binda de nha morto oh!
om ca-*i-ar sintâ* **om** *spera-l.*

Que me resigne a espera-lo?...
Oh! Deus não permittirá!
Sim, Deus não permittirá!
Porquanto o seu regresso
trazer-me-hia á lembrança
a minha morte em cada dia.

ERRATA

PAG. Erros	Emmendas
30 — *é* **ta** *ba*	*ê* **ta** *bá*
37, linha 3 — para	p'ra
38 — folkcloristas	folkloristas
39, linha 13 — quem	que
49 — que se vos apodrecer não terá etc.	que se vos apodrecer não terá etc.
» — para aquella miragem! Lá vae o meu Coête agitando etc.	para aquella miragem! La vae etc. agitando etc.
50, linha 2 — affasto	fujo
51 — e luctava com as ondas	luctava co'as ondas
60 — Oh!... o meu menino!	Oh!... o meu menino, oh!
» — é mesmo assim	mesmo assim
62, linha 11 — coroas	c'roas
75 — *malial*	*malila*
82 — porstituta	adultera
92, linha 33 — formula	forma
105, linha 27 — numeros.	numeros. Contam como os Baiotes
112, » 8 — cancra	**cáncra**
» » 22 — **en** trancâ	entrancâ